



FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA – MINISTRO RALPH BIASI
Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda

Sheila Cristina Da Silva

A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA NA MODA: UMA TROCA DE REFERÊNCIAS

AMERICANA, SP
2021

SHEILA CRISTINA DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA NA MODA: UMA TROCA DE REFERÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Têxtil e Moda, sob a orientação da Prof.^(a) Dra. Nancy De Palma Moretti.

Área de concentração: Moda

AMERICANA, SP

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte**

S583i SILVA, Sheila Cristina da

A influência da arquitetura na moda: uma troca de referências. / Sheila Cristina da Silva. – Americana, 2021.

113f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Profa. Dra. Nancy de Palma Moretti

1 Arquitetura 2. Moda I. MORETTI, Nancy de Palma II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

CDU: 687.016

SHEILA CRISTINA DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA NA MODA: UMA TROCA DE REFERÊNCIAS

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Nancy De Palma Moretti
Doutora
Faculdade de Tecnologia de Americana

Alex Paulo Siqueira Silva
Mestre
Faculdade de Tecnologia de Americana

Maria Adelina Pereira
Mestre
Faculdade de Tecnologia de Americana

Dedico este trabalho à minha mãe, mulher guerreira e forte que viveu intensamente cada momento de sua vida. Não podemos estar juntas fisicamente nesse momento tão importante, mas sei que ilumina os meus passos e torce por mim.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, minha irmã e meus sobrinhos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A professora Nancy De Palma Moretti, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Ao professor José Fornazier Sampaio, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho na conclusão desse trabalho.

A minha amiga Elivete, que sempre esteve ao meu lado, pela amizade e pelo apoio demonstrado ao longo desse percurso.

Por último, quero agradecer também à Faculdade de Tecnologia de Americana e todo o seu corpo docente por três anos de intenso aprendizado.

“Moda é arquitetura, é só uma questão de proporção” (Coco Chanel)

RESUMO

Sempre houve uma troca de referências e inspiração entre a moda e a arquitetura, porém nas últimas décadas essa troca foi além. A função inicial de ambas é de proteger o corpo e abrigá-lo, porém, ao longo dos séculos a moda e a arquitetura foram de grande importância na sociedade, sendo influenciadas e inspirando uma à outra. A presente pesquisa objetivou realizar uma documentação de como ao longo da história uma área se inspirou na outra ou foram influenciadas pela cultura e o momento histórico em que viviam em determinada época, e como foi a consolidação dessa relação entre elas. A metodologia de pesquisa foi exploratória, com pesquisa bibliográfica, utilizando a técnica de documentação indireta. Sob essa ótica, a interação criativa destas áreas é ampla e a troca de informações saudável, áreas como a moda e a arquitetura que estão sempre inovando, só tendem a ganhar se integrando cada vez mais uma com a outra.

Palavras-chave: Arquitetura. Moda. Referências.

ABSTRACT

There has always been an exchange of references and inspiration between fashion and architecture, but in the last few decades this exchange has gone beyond. The initial function of both is to protect the body and shelter it, however, over the centuries, fashion and architecture have been of great importance in society, being influenced and inspiring each other. The present research aimed to make a documentation of how throughout the history one area was inspired by the other or were influenced by the culture and the historical moment in which they lived in a given time, and how it was the consolidation of this relationship between them. The research methodology was exploratory, with bibliographic research, using the technique of indirect documentation. From this perspective, the creative interaction of these areas is broad and the exchange of information healthy, areas such as fashion and architecture that are always innovating, only tend to win by integrating more and more with each other.

Keywords: Architecture. Fashion. References.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Casamento de Boccacio Adimari.....	15
Imagem 2 – Grande Pórtico do Templo de Philae.....	16
Imagem 3 – Grupo de vasos do povoado neolítico.....	19
Imagem 4 – Faraó Tutancâmon e sua esposa a rainha Ankhsenamun.....	20
Imagem 5 – Templo de Abu Simbel.....	21
Imagem 6 – Desfile da marca Chanel inspirado no Egito Antigo.....	22
Imagem 7 – Desfile da Marca Chanel no Templo Dendur.....	23
Imagem 8 – Parthenon.....	24
Imagem 9 – Representação das colunas dórica, jônica e coríntia.....	25
Imagem 10 – O Auriga de Delfos, usando o quíton.....	26
Imagem 11 – Panteão em Roma.....	27
Imagem 12 – Imperador Tibério vestindo toga sob uma túnica com mangas.....	28
Imagem 13 – Desfile da marca Dolce & Gabbana inspirado na Grécia Antiga.....	29
Imagem 14 – Igreja Hagia Sofia por dentro.....	30
Imagem 15 – Mosaico Imperador Justiniano e sua esposa Imperatriz Teodora.....	31
Imagem 16 – Desfile da marca Dolce & Gabbana inspirado no Império Bizantino.....	32
Imagem 17 – Catedral de Durham.....	33
Imagem 18 – Interior da catedral de Beauvais.....	35
Imagem 19 – O casal Arnolfini, Jan Van Eyck.....	36
Imagem 20 – Desfile com inspiração gótica de Guo Pei.....	37
Imagem 21 – Retrato de uma dama e Giovanna Tornabuoni.....	38
Imagem 22 – Duque Henrique da Saxônia e sua esposa Catherine.....	39
Imagem 23 – O homem de Vitrúvio.....	40
Imagem 24 – Fachada da basílica de São Pedro.....	41
Imagem 25 – Cúpula da basílica de São Pedro.....	42
Imagem 26 – Rainha Elizabeth I usando rufo.....	43
Imagem 27 – Desfile de Reinaldo Lourenço da Coleção de Inverno 2015.....	44
Imagem 28 – Igreja de San Carlo Alle Quattro Fontane.....	45
Imagem 29 – Capela do Santo Sudário.....	46
Imagem 30 – Igreja de São João Nepomuceno no centro de Munique.....	47
Imagem 31 – Fachada da Igreja São Francisco de Assis.....	48
Imagem 32 – Retrato de um casal por Bartholomeus van der Helst.....	49

Imagem 33 – Fontana dei Quattro Fiumi, de Gian Lorenzo Bernini e Anel de platina com um diamante amarelo.....	50
Imagem 34 – Afresco de Giovanni Battista Gaulli na cúpula da igreja Sant’Agnese e Colar inspirado na obra.....	51
Imagem 35 – Hôtel de Soubise Salão da Princesa.....	52
Imagem 36 – Palácio Nacional de Queluz.....	53
Imagem 37 – As cinco ordens de perucas por William Hogarth.....	54
Imagem 38 – Chá a inglesa na casa da princesa de Conti.....	55
Imagem 39 – Encontro para Marly, a maneira de Moreau le Jeune.....	56
Imagem 40 – Desfile Coleção de verão 2009 de Samuel Cirnansck.....	57
Imagem 41 – Coleção primavera-verão 2017 da Fendi.....	58
Imagem 42 – O templo da Gloria.....	59
Imagem 43 – Jardim de Stowe.....	60
Imagem 44 – Universidade de Virginia em Charlottesville.....	61
Imagem 45 – Arco do Triunfo.....	62
Imagem 46 – Madame Récamier.....	63
Imagem 47 – Ilustração La Follet de 1863, a moda em Paris.....	65
Imagem 48 – Vestido de passeio em 1899.....	66
Imagem 49 – Ilustração La plume de Alphonse Mucha.....	68
Imagem 50 – Hotel Tassel.....	69
Imagem 51 – Casa Batllo, obra de Antoni Gaudi.....	70
Imagem 52 – Loie Fuller.....	71
Imagem 53 – Vestido de noite na La Gazette du Bon Ton em 1914.....	72
Imagem 54 – Ilustração da La Gazette em 1914.....	73
Imagem 55 – Desfile da coleção de Elie Saab inspirado em Antoni Guadi.....	74
Imagem 56 – Desfile da marca Alessa.....	74
Imagem 57 – Coleção de Sandro Barros.....	75
Imagem 58 – The Rockefeller Center, 1933.....	76
Imagem 59 – Chrysler Building, Nova York.....	77
Imagem 60 – Vestidos de verão nos anos 20.....	78
Imagem 61 – Mulheres em 1930.....	79
Imagem 62 – Desfile da Gucci inspirado na Arte Déco.....	79
Imagem 63 – Desfile de Reinaldo Lourenço inspirado no Arte Déco.....	80
Imagem 64 – Prédio da Bauhaus.....	81

Imagem 65 – Cadeira Vermelho e Azul ao lado de obra de Mondrian.....	82
Imagem 66 – Criações da Bauhaus.....	83
Imagem 67 – Vestido Mondrian de Yves Saint Laurent.....	84
Imagem 68 – Coleção Mary Katrantzou.....	85
Imagem 69 – Casa da Cascata projetada por Frank Lloyd Wright.....	87
Imagem 70 – Igreja São Francisco de Assis da Pampulha.....	88
Imagem 71 – Desfile de Pedro Lourenço com inspiração em Oscar Niemeyer.....	89
Imagem 72 – Desfile Louis Vuitton no Museu de Arte Contemporânea de Niterói.....	89
Imagem 73 – Desfile Louis Vuitton inspirado na arquitetura de Oscar Niemeyer.....	90
Imagem 74 – Casa Vanna Venturi.....	91
Imagem 75 – Dancing House Hotel em Praga.....	92
Imagem 76 – O new look de Dior.....	93
Imagem 77 – Vestidos de Mary Quant na década de 60.....	94
Imagem 78 – Paco Rabanne.....	95
Imagem 79 – O vestuário na década de 70.....	96
Imagem 80 – Decoração de interiores na década de 60.....	97
Imagem 81 – A moda nos anos 80.....	98
Imagem 82 – A moda nos anos 90.....	99
Imagem 83 – Armani Casa.....	100
Imagem 84 – Porcelanas Hermès Casa.....	101
Imagem 85 – Fendi Casa.....	101
Imagem 86 – Coleção de Karl Lagerfeld para marca Orrefors.....	102
Imagem 87 – Criação de Zaha Hadid para marca Melissa.....	103
Imagem 88 – Acessórios sendo usados como decoração.....	104
Imagem 89 – Decorações inspirados em Alexandre Herchcovitch e Gloria Coelho..	105

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A TROCA DE REFERÊNCIAS ENTRE A MODA E A ARQUITETURA.....	15
3	A ARQUITETURA E INDUMENTÁRIA NA ANTIGUIDADE.....	18
3.1	Arquitetura e Indumentária no Egito Antigo.....	19
3.2	Arquitetura e Indumentária na Grécia e Roma Antiga.....	23
3.3	Arquitetura e Indumentária no Império Bizantino.....	29
4	A ARQUITETURA E A MODA NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO....	33
4.1	O mundo Gótico na moda e na arquitetura.....	34
4.2	O Renascimento na moda e na arquitetura.....	38
5	A ARQUITETURA E A MODA NO PERÍODO BARROCO E ROCOCÓ.....	45
6	A ARQUITETURA NEOCLÁSSICA E A MODA NO SÉCULO XIX.....	59
7	A PRIMEIRA METADE DO SECULO XX: ART NOUVEAU, ART DÉCO E BAUHAUS.....	67
7.1	Art Nouveau.....	67
7.2	Art Déco.....	75
7.3	Bauhaus.....	80
8	A SEGUNDA METADE DO SECULO XX NA ARQUITETURA E NA MODA.....	86
8.1	O modernismo e o pós-modernismo na arquitetura.....	86
8.2	A moda da segunda metade do século XX em contraste com o design de interiores.....	92
9	O SÉCULO XXI: A MAIOR TROCA DE REFERÊNCIAS ENTRE A MODA E A ARQUITETURA.....	100

10 CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

A moda é um conjunto de opiniões e modos de agir, viver e sentir tendo como um dos seus maiores objetivos desde o período paleolítico de cobrir e proteger o corpo, enquanto a arquitetura é a arte de organizar espaços e criar ambientes de abrigo. De acordo com Lucchese (2010) “A moda e a arquitetura nos protegem, nos dão abrigo e expressam nossa identidade pessoal, política, religiosa e cultural”.

A história tanto da moda quanto da arquitetura se funde com a história da civilização e estão atreladas desde a antiguidade, seja se inspirando uma na outra ou tendo início no mesmo propósito, como podemos observar no Egito Antigo quando ambas estavam voltadas para a religião. Além da função inicial de proteger o corpo e abrigá-lo, ao longo dos séculos a moda e a arquitetura foram de grande importância na sociedade, sendo influenciadas constantemente por tudo o que acontecia ao seu redor.

Sempre houve uma troca de referências e inspiração entre elas, porém nas últimas décadas essa troca foi além, uma imersão de estilistas no cenário arquitetônico vem acontecendo e em nenhum outro momento, estilistas se inspiraram tanto na arquitetura do passado. O contrário também acontece com arquitetos cada vez mais projetando para o setor da moda. Segundo Fátima (2018) vestir e habitar são duas necessidades básicas que se completam e às duas áreas têm o mesmo ponto de partida, que é o corpo humano, a proporção e a busca pela forma.

Com base no registro histórico da moda e da arquitetura o objetivo geral do trabalho é realizar uma documentação de como ao longo da história uma área se inspirou na outra ou foram influenciadas pela cultura e o momento histórico em que viviam em determinada época, e como foi a consolidação dessa relação nas últimas décadas.

A metodologia de pesquisa será exploratória, com levantamento de informações sobre determinado assunto, de forma a aumentar a familiaridade com ele e formular problemas e hipóteses mais precisos. O método utilizado será de pesquisa bibliográfica, onde teremos um levantamento de informações e conhecimentos acerca do tema a partir de diferentes materiais bibliográficos já publicados, utilizando a

técnica de documentação indireta com uma pesquisa documental e bibliográfica. (GIL, 2019)

2 A TROCA DE REFERÊNCIAS ENTRE A MODA E A ARQUITETURA

Segundo a definição do dicionário *Oxford Languages* (2021) moda é um conjunto de opiniões, gostos, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos e arquitetura é a arte e técnica de organizar espaços e criar ambientes para abrigar os diversos tipos de atividades humanas, visando também a determinada intenção plástica. A roupa tem como objetivo desde o período paleolítico de cobrir e proteger o indivíduo do calor e do frio. De acordo com Roche (1989) roupa seria tudo o que serve para cobrir o corpo, para protegê-lo e para embelezá-lo.

A moda surge entre o fim da idade média e início do renascimento europeu, antes existia a distinção de vestimentas, mas não ocorria a transformação, o momento de surgimento da moda era propício, no período aconteceu diversas navegações, descobertas de ouro, terras, culturas e muito enriquecimento, a burguesia não era nobre, porém era rica e passou a observar e imitar a vestimenta dos nobres, eles não satisfeitos mudavam os trajes e eram novamente copiados pelos burgueses. A palavra moda é sinônimo de *costume*, uma palavra de origem italiana, que provém do termo latino *modus*, que tem como significado maneira ou modos, antes disso para se referir a roupa se usava os termos indumentária, traje, roupagem e vestuário.

Imagem 1 – Casamento de Boccacio Adimari



Fonte: Galleria dell 'Accademia, Bridgemanimages

A história da arquitetura é a história de como o homem conseguiu abrigo, exceto por raros momentos em que estamos rodeados pelo mar, um deserto ou a paisagem de diversas montanhas, o ser humano está rodeado por edifícios. A arquitetura é a ciência e a arte de construir, é o momento em que o edifício passa de mero abrigo para arte, essa que está em constante evolução. Ela é um dos maiores meios do ser humano de celebrar sua riqueza e saúde, um dos exemplos disso é a quantidade de templos e igrejas para deuses ao longo da história, sendo assim as primeiras obras arquitetônicas que conhecemos são os templos, eles eram projetados para alinhar os equinócios, eclipses, movimentos e padrões das estrelas. As religiões monoteístas, se referem a Deus como o grande e original arquiteto. (GLANCEY,2001)

Imagem 2 – Grande Pórtico do Templo de Philae



Fonte: David Roberts, Bridgemanimages

Moda e arquitetura são áreas criativas que estão de várias formas atreladas, uma vez que se inspiram em acontecimentos ao longo da história em suas criações, e muitas vezes uma fez uso da outra em formas, texturas, cores ou influenciando tendências. Tanto a moda como a arquitetura contam a história, são expressões de identidade, política e acontecimentos. Diversos estilistas foram considerados verdadeiros arquitetos da moda, da mesma forma que muitos arquitetos se inspiraram em vestimentas para criar seus edifícios. Nos últimos tempos a parceria entre as duas artes foi crescendo cada vez mais tendo coleções de sapatos e roupas assinadas por

grandes nomes da arquitetura e diversos têxteis sendo reproduzidos não apenas nas roupas, mas também servindo como papeis de parede.

Ao longo dos capítulos vamos analisar e observar como essa relação entre a moda e arquitetura foi se estabelecendo ao longo da história, tendo momentos em que a inspiração de ambas vinham do mesmo ponto, seja um acontecimento histórico, ou hábitos da civilização e outros momentos em que uma usou a outra como fonte de estímulo para criar.

“Moda e arquitetura sempre caminharam juntas. Estética é estética, seja para roupas, para o mobiliário ou para música, elas têm a mesma filosofia. A moda é a arquitetura do corpo. É muito importante para a moda pensar com a cabeça de arquiteto. Sempre olhei para a arquitetura, não tem como viver fazendo moda sem olhar para a arquitetura.” (LOURENÇO, 2011)

3 A ARQUITETURA E INDUMENTÁRIA NA ANTIGUIDADE

No período paleolítico geólogos afirmam uma sucessão de eras glaciais, geleiras cobriam a maior parte do continente e o motivo principal para se cobrir o corpo foi afastar o frio, nesse contexto o homem primitivo percebeu que podia caçar e abater animais, tanto para consumo como também para uso de suas peles. Um dos problemas do uso da pele é que ela endurecia à medida que secava e o meio que o homem encontrou de deixá-la mais macia foi mastigando-a, só existiu um avanço quando o óleo de animais marinhos foi descoberto, ele era esfregado na pele animal tornando-a mais maleável. Depois de um tempo veio a invenção da agulha, que era feita de marfim de mamute, ossos de rena e presas de leão marinho, isso tornou possível moldar e costurar pedaços de pele. Nesse período o homem vivia em cavernas para se proteger do clima, são nesses locais que diversos desenhos foram reproduzidos, eles também criavam pequenas esculturas como a Vênus de Willendorf, esculpida em calcário oolítico, um tipo especial de calcário formado por grãos envelopados. (LAVÉ, 1989)

Os seres humanos começaram a se fixar nos lugares no período neolítico, nesse momento se inicia a produção de objetos de cerâmica e o desenvolvimento da técnica de tecer, acreditasse que o primeiro tear foi feito com galhos de árvores, posteriormente os homens descobrem os têxteis vegetais, como o linho, o cânhamo e o algodão e nasce a necessidade de tingir, utilizando carmim, vísceras de animais, colorau entre outros. Na arquitetura o período marcou a construção das primeiras casas e pela primeira vez se pensa na estética dos utensílios produzidos com cerâmica.

De acordo com Laver (1989) o tear tendia a ser grande e pesado e para tecer em grande escala requeria um abrigo fixo, a situação ideal era uma comunidade pequena, estabelecida e cercada por um bom pasto de ovelhas, o animal era tosquiado por métodos bem parecidos com os atuais e a lã era tecida em um tear. O tecido era então enrolado em um pequeno retângulo em volta da cintura e mais tarde outro quadrado de pano foi enrolado sobre os ombros.

Imagem 3 – Grupo de vasos do povoado neolítico



Fonte: Museu Cívico Arqueológico e Etnológico de Modena

3.1 Arquitetura e Indumentária no Egito Antigo

Um dos momentos mais marcantes na história para a humanidade foi o Egito Antigo, a civilização era dominada pela religião e os homens viviam com o pensamento na vida pôs a morte. Tanto a arquitetura como a indumentaria no Egito Antigo estavam voltadas além de proteger o indivíduo do calor, para a vida religiosa. A arquitetura era usada principalmente para refletir o poder de vários deuses construindo pirâmides, templos e santuários monumentais e grande parte das pinturas nas paredes das pirâmides eram feita com tintas naturais, o preto era obtido do carvão, o branco da cal e o amarelo do óxido de ferro hidratado. As características da arquitetura na época eram de solidez e durabilidade, transmitindo um sentimento de eternidade.

Como lembra Glancey (2001) as pessoas comuns no Egito Antigo viviam em povoados espalhados pelas margens do rio Nilo, em casas feitas de tijolos, enquanto os mortos iniciavam a vida eterna nos mais impressionantes monumentos já construídos, as pirâmides, que se destinavam a abrigar os corpos mumificados dos faraós e seus tesouros. Para os egípcios o faraó era um Deus e a alma era imortal, sendo assim no seu devido tempo a alma retornaria ao corpo e faria uso de seus tesouros.

Diferente dos povos antigos, os egípcios quase não faziam uso da lã, isso porque as fibras animais eram consideradas impuras, depois da conquista alexandrina a lã até foi utilizada para fabricação de roupas comuns, mas para trajes de sacerdotes e os usados em funerais eram feitos de linho, as roupas feitas com linho podiam ser facilmente lavadas e isso era uma vantagem para um povo que tinha hábitos de higiene extremamente elevados. Era comum o uso de peruca, muitas vezes confeccionadas com cabelo natural, mas também com fibras de linho ou de palmeiras. As roupas reais eram diferentes das usadas pelos outros egípcios sendo de tecido mais fino, com cinto bordados e golas de ouro e esmalte, enquanto isso as pessoas de classe baixa e os escravos andavam quase ou completamente nus, na época o uso de roupas funcionava como uma espécie de distinção de classe. (LAVÉ, 1989)

Imagem 4 – Faraó Tutancâmon e sua esposa a rainha Ankhsenamom



Fonte: Blog Seguindo Passos da História

Os egípcios usavam uma pintura nos olhos, o *Kajal* que era uma pasta obtida do mineral malaquita misturado com carvão e cinzas, para se proteger da poeira. Também era muito utilizado o gorjal, um colar que parecia uma joia que era usado por homens e mulheres na cúpula da pirâmide, esse colar nunca era feito de tecido. O calçado era para poucos e era questão de hierarquia, ele era feito de papiro ou

palmeira e não era usado como proteção. No Egito se existia a concepção de unidade, identidade e coerência, eles tinham a geometria como rigor.

Além das pirâmides, os monumentos mais importantes do Egito Antigo eram os templos, as colunas eram decoradas e muito mais pesadas do que as encontradas na Grécia e Roma antiga. Os templos eram murados e seu terreno continha casas e armazéns para sacerdotes e criados. O grande templo de *Abu Simbel* é um exemplo da obsessão dos egípcios por esculturas em larga escala. A entrada do templo é talhada na face da rocha e sua entrada é projetada como um pilone que era um local coberto à entrada de um edifício, revestido com quatro estatuas de 20 metros de altura, representando o rei que mandou construí-lo, Ramsés II. (GLANCEY, 2001)

Imagem 5 – Templo de Abu Simbel



Fonte: Getty Images

Podemos observar que tanto a indumentária quanto a arquitetura estavam voltadas nesse período para a religião, com a construção de templos e alguns costumes no momento de se vestir ou adornar-se, tudo tinha uma razão sagrada ou de hierarquia. O Egito continua até hoje inspirando a arte de diversas formas, em 2018 o Templo de *Dendur*, que está localizado atualmente nos Estados Unidos no *Metropolitan Museum of Art* serviu como pano de fundo para o desfile da coleção *Pre-Fall* da empresa especializada em alta-costura, Chanel. O estilista Karl Lagerfeld pensou em uma mistura do Antigo Egito com Nova York, e abriu o desfile com

variações do clássico blazer de *tweed* da marca com saias com uma pequena elevação na frente para imitar o *shendyt*, peça feita de tecido que era usada na cintura, normalmente se estendendo até acima dos joelhos, o gorjal também foi representado com uma gola larga e colares ornamentados. A paleta de cores da coleção continha o coral e o azul, além de muito dourado e marfim. (INGVALDSEN, 2018)

Imagem 6 – Desfile da marca Chanel inspirado no Egito Antigo



Fonte: Vogue Runway

O local escolhido para acontecer o desfile, o templo *Dendur*, foi construído pelo governador romano no Egito, Petronius por volta de 15 a.C. Construído em arenito, mede 25 metros de comprimento e 8 metros de altura, é decorado com relevos e sua base está decorada com representações de papiro e flores de lótus que cresciam na base do rio Nilo. Na década de 1960 o templo foi removido da sua localização original e levado ao *Metroplitam Museum of Art* de Nova York, Estados Unidos. (DIETER, 1999)

Imagem 7 – Desfile da Marca Chanel no Templo Dendur



Fonte: Angela Weiss / Getty Imagens

3.2 Arquitetura e Indumentária na Grécia e Roma Antiga

A Grécia Antiga diferente do Egito não era dominada pela religião, mas sim inspirada nela, eles representavam seus deuses através da figura humana, tratavam o corpo como o supremo e o idolatravam, gostavam de se exercitar e manter o corpo jovem. O *Parthenon*, localizado na Grécia, talvez seja o maior e mais influente edifício de todos os tempos, o templo foi dedicado a Atena, deusa grega da sabedoria. O edifício não teve rivais em seu tempo, mas hoje é uma ruína, feito de mármore e teto de madeira sobreviveu em boa forma de 436 a. C que foi sua construção até o ataque veneziano a Atenas em 1687. O edifício era colorido em tons de vermelho, azul e dourado, o exterior era bem mais importante que seu interior, o clima encoraja os gregos a passarem muito tempo fora encontrando-se, isso fazia com que as colunatas, ou seja os corredores externos de colunas que cercavam todos os lados do templo fosse muito importante. (GLANCEY, 2001)

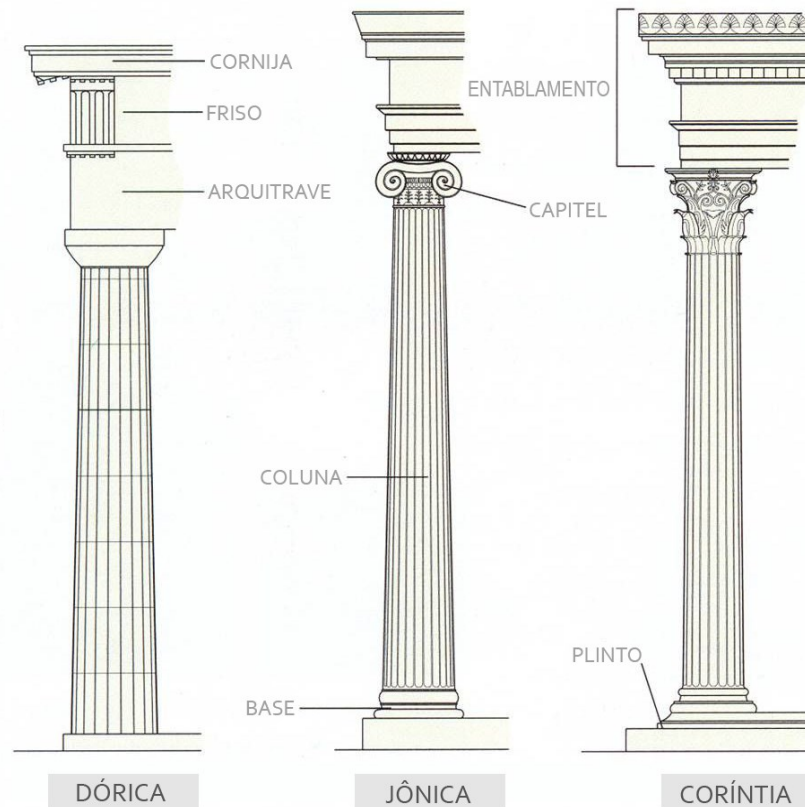
Imagem 8 – Parthenon



Fonte: Visit Greece

De acordo com Glancey (2001), no coração da arquitetura grega estavam as ordens clássicas, que eram os tipos de colunas e formas de estruturas e decoração, são elas, a dórica, a jônica e a coríntia. Os capitéis das colunas eram representações naturais como os chifres de carneiro na ordem jônica e as folhas de acanto uma planta espinhosa de folhas muito longas na ordem coríntia. Das três ordens a dórica é a mais antiga e sólida, essa coluna não tem base, seu corpo é canelado e tem um capitel simples, a coluna jônica tem o corpo canelado e tem uma base e capitel com volutas, já a coríntia também tem o corpo canelado, mas tem um capitel ornamentado.

Imagem 9 – Representação das colunas dórica, jônica e coríntia



Fonte: Arquitetura em passos

Do século VII ao século I a.C, homens e mulheres usavam o *quítion*, uma espécie de túnica. O dos homens ia até os joelhos e das mulheres até os tornozelos, ele era preso por alfinetes ou broches e normalmente usados com um cordão ou cinto em volta da cintura. Pela primeira vez a arquitetura inspira as roupas e o *quítion* lembra uma coluna. Estudiosos fazem uma distinção entre o *quítion* dórico e o jônico, normalmente o primeiro era feito de lã e o segundo de linho. Acreditou-se em algumas épocas que as roupas usadas na Grécia Antiga fossem brancas ou da cor natural da lã e do linho, mas esse erro teve origem no fato de que as estátuas antigas que foram descobertas na Renascença haviam perdido toda a cor, pesquisas posteriores mostraram que os trajes eram frequentemente coloridos e estampados, exceto os usados pelos pobres. (LAVÉ, 1989)

Imagem 10 – O Auriga de Delfos, usando o quítion



Fonte: Museu Virtual de Arte

Segundo Glancey (2001) no coração de Roma está o *Pantheon*, um gigantesco templo com cúpula, talvez tenha sido projetado pelo imperador Adriano, está para Roma antiga assim como o *Parthenon* estava para a Grécia antiga, ele representava o ponto alto da engenharia estrutural dos romanos e resumia as diferenças gregas e romanas na hora de construir. O *Parthenon* era belo enquanto o *Pantheon* é mais bruto, isso ocorre porque para os romanos a arquitetura era algo muito mais prático que para os gregos, os romanos conquistaram a Grécia e por mais que admirassem e assimilassem muito em termos de vestuário, política, estilo arquitetônico e cultura em geral, seus feitos de engenharia iam além da Grécia com sua elegância e graça.

Os romanos eram práticos, trabalhadores e sua arquitetura refletia sua postura sóbria diante da vida, sendo assim o *Pantheon* era um edifício vasto, sua cúpula era de 43,2 metros de diâmetro, e feita de concreto que foi um material muito usado pelos romanos. As cidades eram grandes e populosas, por volta de 200 d. C a população

passava de um milhão. A maioria da população vivia em casas baratas de madeira e tijolos de barro, mas a casa dos grandes proprietários e imperadores eram completamente diferentes, a maior e mais influente foi a Villa de Adriano onde tinha bibliotecas, casas de banho e gazebos agradáveis em jardins.

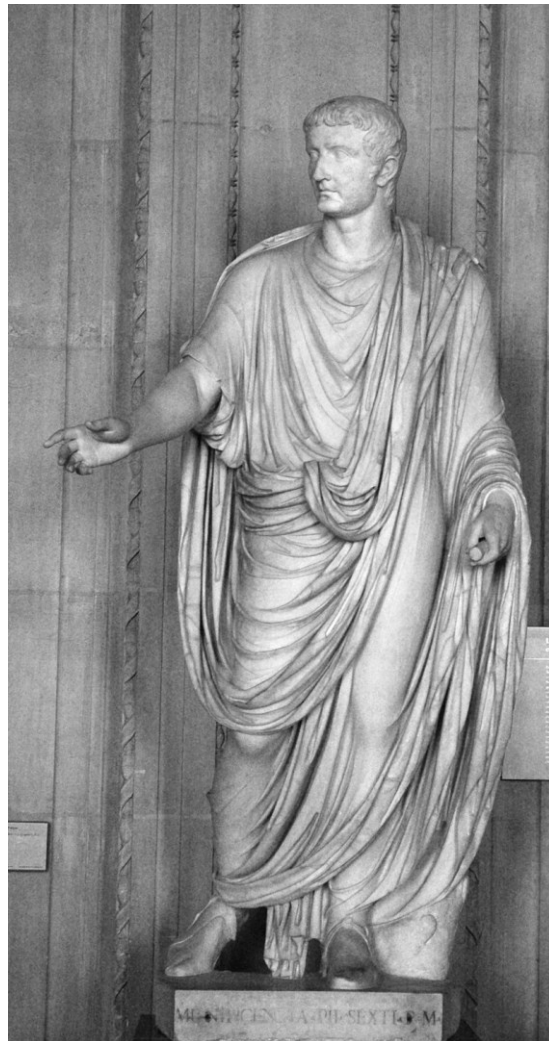
Imagem 11 – Pantheon em Roma



Fonte: ArchDaily

A toga foi uma peça característica da civilização romana, ela era volumosa e exigia uma habilidade considerável para envolvê-la em volta do corpo, isso fazia com que qualquer atividade mais vigorosa fosse um desafio, portanto acabava sendo um traje para as classes superiores, principalmente os senadores. Durante o luto usava-se uma toga de cor escura que às vezes era passada sobre a cabeça, a toga começou a diminuir de tamanho por volta de 100 d.C. Durante a república os homens usavam um saio de simples de linho que, durante o império mudou para uma túnica costurada, equivalente ao *quítion* grego, que era feita de dois pedaços de tecidos costurados, vestida pela cabeça e presa com um cinto, o comprimento chegava ao joelho, exceto em ocasiões especiais, como casamentos, quando ia até o chão, ela era usada sob a toga por classes superiores, soldados e trabalhadores vestiam apenas a túnica. (LAVIER, 1989)

Imagem 12 – Imperador Tibério vestindo toga sobre uma túnica com mangas



Fonte: Marie-Lan Nguyen

Em 2019, a marca de alta-costura *Dolce & Gabbana* se inspirou na Grécia antiga para a coleção de alta moda para o outono/inverno de 2019/20, o desfile aconteceu no Templo de Concórdia localizado na cidade siciliana de Agrigento. O templo está localizado na costa sul da Sicília e é o maior e mais preservado templo dórico. As modelos desfilaram vestidos que lembravam túnicas, alguns tinham bordados em 3D de estátuas de gesso com toucados, havia muitos bordados em seda, veludo com fios de ouro, capas de seda trançada e corpete de lantejoulas. Segundo o estilista Christensen (2019) “Pensei em todas as mulheres poderosas que andaram aqui há milhares de anos”.

Imagem 13 – Desfile da marca Dolce & Gabbana inspirado na Grécia Antiga

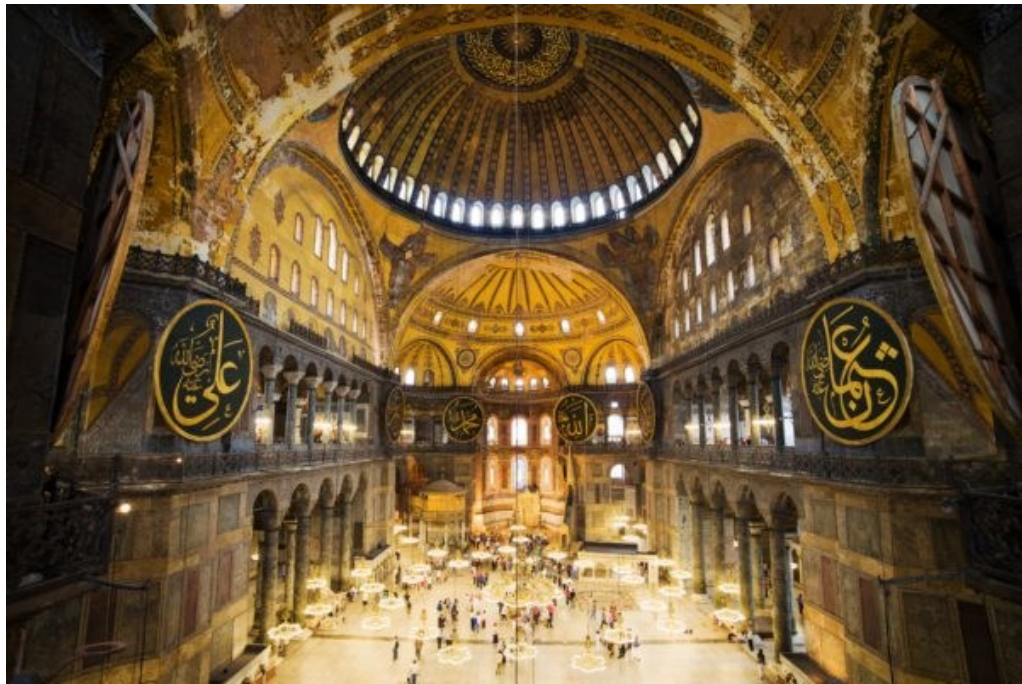


Fonte: Vogue Itália

3.3 Arquitetura e Indumentária no Império Bizantino

O império Romano foi dividido em uma parte ocidental e uma oriental antes do saque de Roma em 410 a.C, a parte oriental tinha como capital, Constantinopla onde hoje fica localizado Istambul. A cidade acabou se tornando um farol de civilização e cristianismo dentro de um mundo bárbaro. No século VI, o imperador bizantino Justiniano, revolucionou a arquitetura com a construção de um dos edifícios mais magníficos de todos os tempos, a igreja de *Hagia Sophia*, ela era a maior igreja dentre as mais de 30 construídos em Constantinopla no reinado de Justiniano I. Extremamente decorada, *Hagia Sofia* exibia muitas rupturas com o classicismo romano. Era um momento em que a arquitetura pragmática do ocidente estava sendo seduzida pela arquitetura orgânica do oriente. (GLANCEY,2001)

Imagem 14 – Igreja Hagia Sofia por dentro



Fonte: Artur Bogacki

Segundo Laver (1989) quando o Império do ocidente caiu 476 d.C, Constantinopla ficou isolada e começou a sofrer cada vez mais influências do oriente. Este fato resultou em uma grande mudança no vestuário e a simplicidade dos trajes romanos deu lugar a roupas coloridas, franjas, pingentes e muitas joias. A veste do imperador era dourada e bordada com desenhos florais, um lenço largo chamado *trabea* era cruzado sob o peito. Os trajes podem ser vistos claramente nos esplêndidos mosaicos da igreja de *San Vitale*, estes que foram uma forma de expressão artística muito importante no Império Bizantino, pequenas pedras coloridas eram colocadas sobre o cimento fresco formando assim um desenho, as figuras em mosaico do imperador Justiniano e sua esposa Teodora estão entre os documentos mais valiosos que possuímos do vestuário bizantino.

Imagem 15 – Mosaico Imperador Justiniano e sua esposa Imperatriz Teodora



Fonte: Artrianon

Em Constantinopla todas as roupas eram hierárquicas e os materiais usados eram ricos e variados, no início do império a lã era o tecido mais usado, sendo substituída depois pelo algodão, linho e a seda da China, que a princípio tinha sido transportada por caravanas pela Ásia, um processo que era demorado e muito caro. De acordo com uma lenda, dois monges foram enviados pela Imperatriz Teodora a China e voltaram trazendo bichos de seda dentro de uma bengala oca, eles se multiplicaram e o império acabou sendo capaz de fiar e tecer sua própria seda. (LAVÉ, 1989)

Na temporada de moda de 2013, a marca *Dolce & Gabbana* buscou inspiração e usou como ponto de partida a catedral de *Monreale*, sua decoração foi feita por bizantinos especializados na técnica de mosaico. A coleção foi recheada de estampas religiosas em mosaico, muitas vezes essas impressões estavam mais apagadas como se mostrassem o desgaste do tempo. Vestidos, blusas e saias foram adornados por joias, rendas e muito dourado e para arrematar diversos penteados com coroas foram utilizados. O desfile conseguiu traduzir nas peças praticamente a mesma sensação de se adentrar a catedral.

Imagem 16 – Desfile da marca Dolce & Gabbana inspirado no Império Bizantino



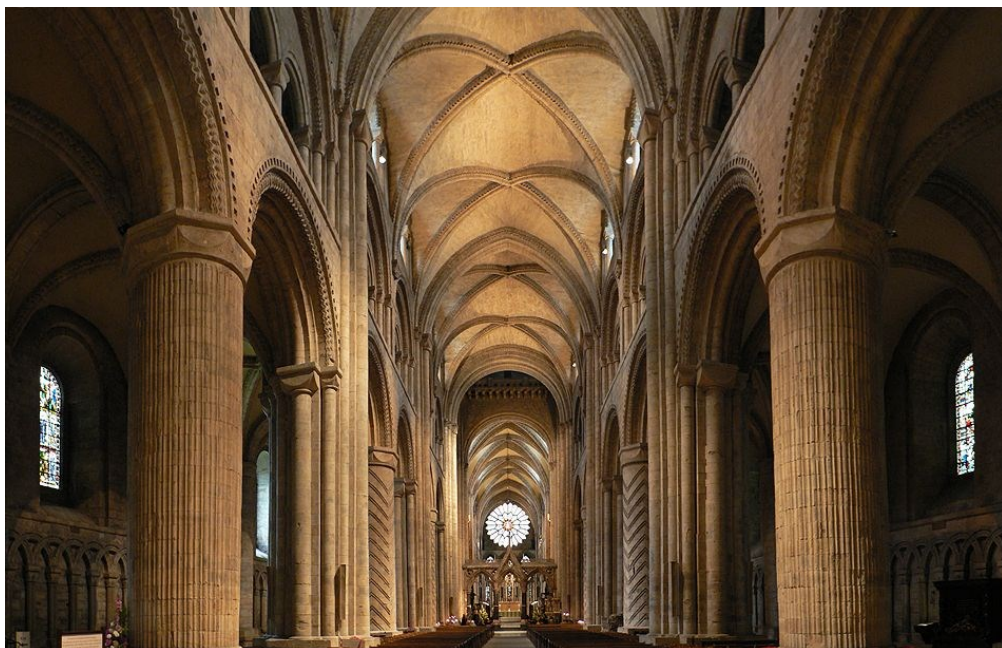
Fonte: ImaxTREE

4 A ARQUITETURA E A MODA NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO

Segundo Laver (1989) o Estado romano ao longo de sua história sempre esteve rodeado de povos bárbaros que viviam fora de suas fronteiras e domínio e às vezes as invasões desses povos eram muito ameaçadoras. No final do século I d.C. os godos, uma tribo do norte de origem escandinava se estabeleceu na região que era até 1945 a Prússia oriental e ameaçaram a civilização romana.

No ano de 800 o papa coroou Carlos Magno como imperador de Roma. Ele era um guerreiro, anteriormente analfabeto que foi educado por monges ingleses de *York*, aprendendo sobre o mundo antigo, seu maior desejo tornou-se recriar o Império Romano. O imperador conseguiu encorajar uma nova onda de edificações eclesiástica ambiciosa pela Europa ocidental e o estilo Românico, chamado de Normando na Europa e nos Estados Unidos, foi baseado em elementos estruturais maciços e abóbadas e arcos romanos. Isso pode ser exemplificado na nave principal da Catedral de *Durham*, os grandes pilares e arcos redondos que sustentam a nave de três níveis são decorados com frisos tipicamente normando, seu interior é espetacularmente cavernoso, as superfícies das colunas redondas tem incisões profundas com entalhes de machado e os arcos são decorados com padrões como o dente de cachorro. Boa parte da decoração romana é feita desse tipo, talhada no tecido estrutural e não acrescentada a ele. (GLANCEY,2001)

Imagem 17 – Catedral de Durham



Fonte: Artandliturgy

Temos uma descrição detalhada das roupas que eram usadas pelo Imperador Carlos Magno que foi feita pelo seu secretário Eginhard, as vestes utilizadas como Imperador eram claramente inspiradas nas vestes da corte Bizantina, é quase certo que os tecidos utilizados eram importados do Oriente. Sob uma túnica com mangas bordadas em ouro, usava-se uma dalmática, traje que na época era comum, porém hoje é um traje litúrgico próprio do diácono na Igreja Católica, e sob ela várias vestes. Os sapatos eram de couro vermelho bordados em ouro e cravejados em esmeralda, na cabeça uma esplêndida coroa de ouro cravejada de pedras e placas de esmalte. Enquanto isso seu traje costumeiro era muito mais simples, sendo uma túnica de baixo feito de linho ou lã e sobre ela uma túnica com borda de seda colorida, usava-se calções com ataduras até abaixo do joelho e na cabeça um chapéu redondo de tecido. (LAVÉ, 1989)

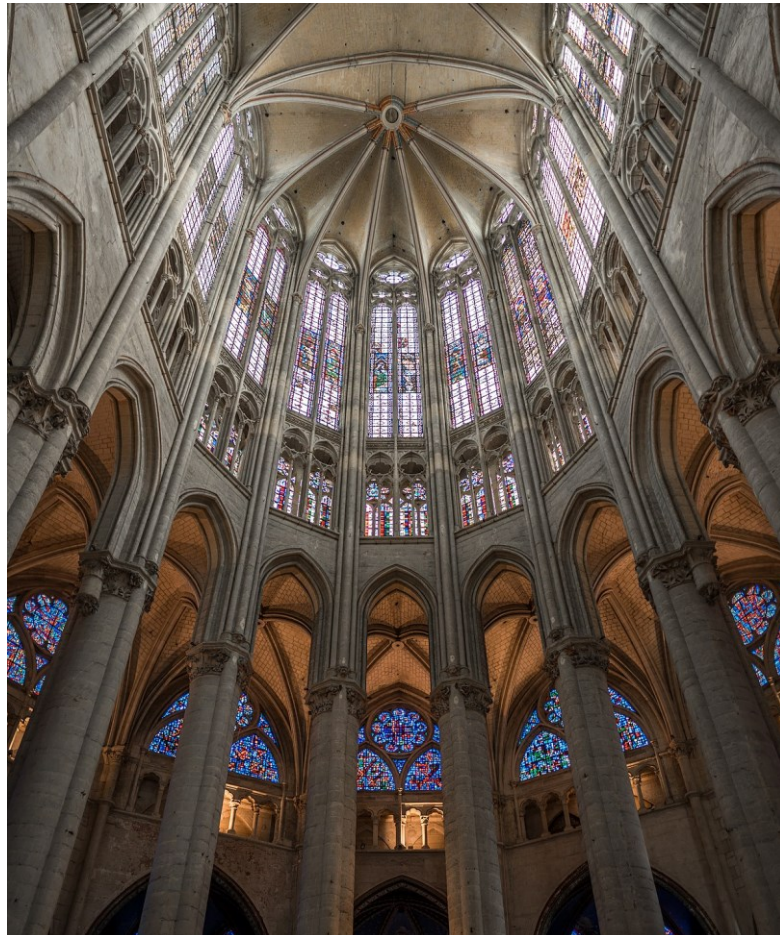
4.1 O mundo Gótico na moda e na arquitetura

A arquitetura gótica é uma das glórias da civilização europeia, conhecida também como a era das grandes catedrais, foi uma tentativa de elevar a vida cotidiana aos céus, nas mais altas abóbadas, torres e agulhas que a tecnologia da época permitia. Em cima das naves das igrejas encontravam-se anjos, demônios e remates entalhados, obra de artesões individuais para os quais nada era bom demais para Deus. O estilo surgiu na França na época das sangrentas cruzadas onde a terra santa e suas origens sombrias levaram a alguns dos edifícios mais inspiradores e audaciosos de todos os tempos.

A catedral de *Beauvais* foi projetada para tocar a face de Deus, sua nave central tinha 48 metros e sua agulha 150 metros, era um projeto tão ambicioso que teve que ser interrompido após 60 anos por falta de fundos, sem que a nave fosse construída. O vasto edifício que temos conhecimento hoje é cerca da metade do seu projeto inicial de 1220. A igreja marcou os limites da engenharia civil da Idade Média e o objetivo dos construtores das catedrais era construir tão alto e com tanto vidro que fosse possível. A luz deveria brilhar através dos vitrais, que contavam histórias do antigo testamento e da vida de Cristo, era como uma versão medieval de televisão em cores. Existia um contraste enorme entre essas igrejas construídas com estruturas extraordinárias e as casas onde viviam a maior parte da população e não é de se

surpreender como a Igreja conseguia manter a maior parte das pessoas em estado de reverência. (GLANCEY, 2001)

Imagem 18 – Interior da catedral de Beauvais



Fonte: Wikimedia

A sociedade da época também estava voltada para a religião, pessoas ricas eram esculpidas junto com santos nas igrejas, acreditava-se que as figuras de santos expulsavam o mal. Os casamentos da época eram arranjados e as mulheres usavam um tecido leve, denominado de *nibula* que escondia os cabelos já que eles eram associados a Maria Madalena, sendo assim sinônimo de pecado, o uso da *nibula* era associada a castidade e pudor. O *hennin*, um adorno utilizado na cabeça foi muito popular até aproximadamente 1485, eram formas cônicas que lembravam as igrejas góticas, a cor azul também era muito utilizada por ser associada ao azul celestial que Maria usava.

De acordo com Laver (1989) uma roupa característica da época era a *houppelande*, uma espécie de beca que era ajustada nos ombros e solta com um

conto na cintura, a estética desejada era a mulher parecer grávida, fazendo um comparativo com a virgem Maria. O comprimento variava, sendo as mais longas usadas em cerimônias, as mulheres no geral se vestiam de forma menos extravagantes que os homens. Para o traje masculino a peça principal era o gibão que tinha um estufado no tórax e os ombros eram almofadados para aumentar a largura aparente do corpo e as mangas geralmente eram bufantes.

Imagem 19 – O casal Arnolfini, Jan Van Eyck



Fonte: Blog História da Arte

Até o ano de 1480 os sapatos masculinos eram muito pontudos, as vezes de maneira fantástica, a tendência não agradava autoridades eclesiásticas e o rei Eduardo III chegou a promulgar uma lei estabelecendo que nenhum cavaleiro com título de lorde, cavaleiro ou escudeiro ou qualquer outra pessoa poderia usar sapatos com ponta maior que 5 centímetros podendo ser multado. Essa lei foi totalmente ineficaz já que no reinado seguinte as pontas dos sapatos que tinham o nome de *poulaines*, chegavam a até 45 centímetros.

Na coleção de outono-inverno de 2018/19 a estilista chinesa Guo Pei realizou seu desfile na *Cité de l'Architecture et du Patrimoine*, um museu de arquitetura e escultura monumental localizado em Paris. A coleção teve como inspiração os edifícios góticos, a estilista interpretou o estilo em saias que lembravam abóbadas e cúpulas, vestidos com vitrais, torres, arabescos e janelas. Segundo a estilista Pei (2018) "O tempo flui sem pressa, enquanto a arquitetura permanece imutável". A coleção parece ter sido projetada como um projeto arquitetônico, e a estilista conseguiu criar formas e estruturas que parecem estar saindo do corpo. (VERNER, 2018)

Imagem 20 – Desfile com inspiração gótica de Guo Pei



Fonte: Admiddleeast

4.2 O Renascimento na moda e na arquitetura

O Renascimento foi um divisor de águas na história da arte, marcou a abertura de rotas de comércio e de bancos, de novos conhecimentos e redescobertas. Foi um período em que os livros, a capacidade de ler, o conhecimento e as ideias deixaram de ser restritos ao clero. Se a era das trevas foi o domínio do diabo e o mundo medieval foi o domínio de Deus, o Renascimento foi a ascensão do homem. (GLANCEY,2000)

De acordo com Laver (1989) a moda e as formas de arte gótica da Europa do Norte nunca haviam sido totalmente aceitas na Itália e os hábitos dos italianos divergiam bastante do restante da Europa medieval. Como exemplo temos os penteados das mulheres que no Norte eram envoltos em véus e na Itália eram mais naturais, também era diferente o corte das mangas, ajustadas no Norte e bufantes na Itália, com aberturas através das quais a *chemise* uma espécie de túnica branca era vista.

Imagem 21 – Retrato de uma dama e Giovanna Tornabuoni



Fonte: Santhatela

Com a chegada do nosso século um germanismo curioso começou a influenciar as roupas das pessoas tanto na França quanto na Inglaterra, os cronistas da época

explicam o fato pela vitória dos suíços sobre Carlos, o Temerário, duque de Borgonha, na Batalha de *Grandson* em 1476, uma grande quantidade de seda e alguns outros tecidos caros acabou na mão dos vitoriosos que usaram para remendar suas próprias roupas rasgadas. A partir daí os trajes dos suíços foram copiados pelos alemães e através deles se difundiu pela corte francesa a prática de recortar aberturas no tecido das roupas e puxar o forro através delas que se tornaram quase universais por volta de 1500, não só o gibão, mas também os calções eram recortados literalmente em tiras que formavam desenhos diferentes em cada perna e embora esses recortes também fossem adotados nas roupas femininas os recortes eram menos predominantes.

Imagem 22 – Duque Henrique da Saxônia e sua esposa Catherine

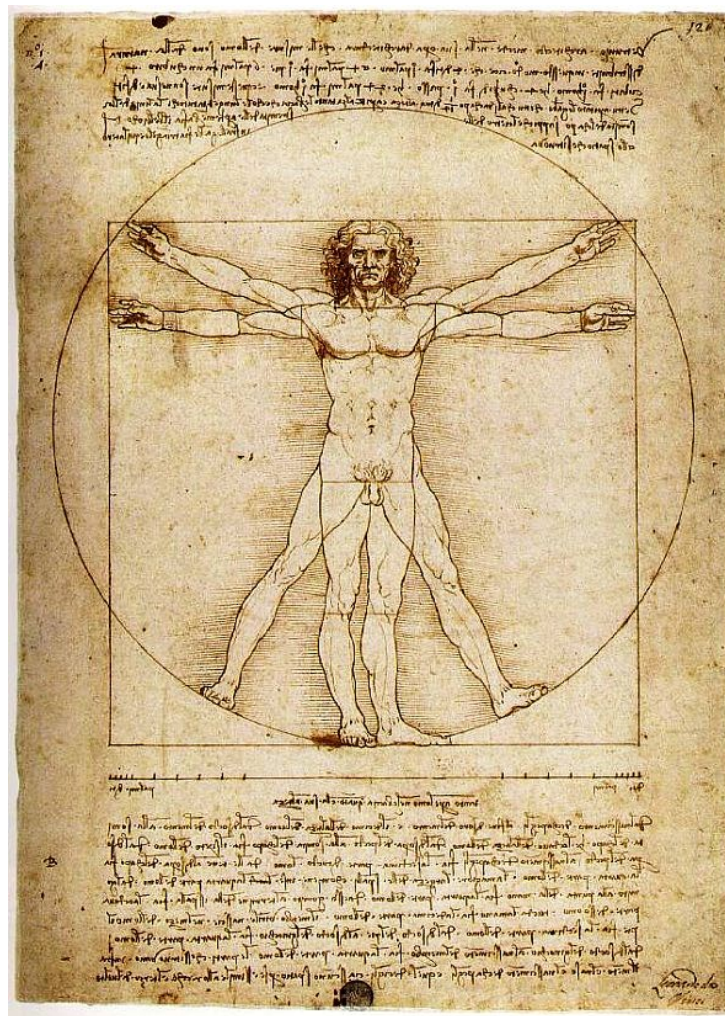


Fonte: Wikimedia

As roupas femininas nessa época eram menos extravagantes que as masculinas, as saias, entretanto eram mais amplas e bordadas do que nos reinados anteriores, as mangas deixaram de ser justas e se tornaram também amplas com uma larga barra de pele animal. Ambos os gêneros faziam muito uso de pele animal, o decote era cortado quadrado e baixo, as mangas do vestuário masculino foram ficando largas e almofadadas, os tecidos favoritos eram veludos, cetim e o pano-de-ouro.

De acordo com Glacey (2001) a arquitetura renascentista teve início e se espalhou rapidamente pela Europa com a publicação dos primeiros tratados de arquitetura desde a Roma Antiga. O livro de Leon Battista Alberti, escrito em 1452 e publicado em 1485 foi uma revelação muito influente, ele detalhava estudos matemático e os principais elementos da arquitetura, o quadrado, o cubo, o círculo e a esfera e as proporções ideais de um edifício que partissem deles. Assim como o homem fora criado à imagem de Deus, a edificação podia representar a própria imagem de Deus se os arquitetos seguissem a lógica das proporções matemáticas, essas que estavam não apenas em harmonia com a música e a natureza, mas com as do corpo humano idealizado. O desenho de Leonardo da Vinci, o homem de Vitruvius de 1487, mostra o corpo humano em perfeito equilíbrio, foram suas proporções que se tornaram a medida para a arquitetura Renascentista.

Imagem 23 – O homem de Vitruvius



Fonte: Cultura Genial

Essa geometria sagrada foi crucial na formação da mente renascentista, o homem não era mais impotente diante de um Deus onipotente e sim um agente de Deus capaz de executar sua vontade por meio das artes. O Renascimento foi notável não só por um novo estilo de arquitetura, mas também por um novo estilo de cidade. Foram aplicados princípios racionais ao projeto urbano, as ruas foram alargadas, fortificações tornaram-se parte integral do traçado e o planejamento levou a uma concentração em monumentos e fontes. O poder se tornou mais centralizado e as formas das cidades na Europa começou a refletir seus novos estados mais refinados.

Com a chegada do Alto Renascimento, os arquitetos começam a analisar e reinterpretar a antiga arquitetura romana com exatidão e fineza. Foi o tempo de ruptura, de uma arquitetura nova que olhava para trás na medida em podia saltar adiante, eles não tentaram copiar edifícios passados, mas sim aprender com eles.

Imagem 24 – Fachada da basílica de São Pedro



Fonte: Blog viajnarios

A cúpula de 42 metros de diâmetro da basílica de São Pedro em Roma, projetada por Michelangelo em 1546 e construída por Giacomo Della Porta entre 1588 e 1591 marcou o ápice da arquitetura do Alto Renascimento, a construção é extremamente grande, muito rica e incompreensível. Alguns visitantes acham que é muita coisa para assimilar, porém do último piso consegue-se ter uma vista esplêndida

da cúpula. Trata-se de uma peça de escultura que beira o barroco e une a vasta construção vestida de mármore que se estende abaixo.

Imagem 25 – Cúpula da basílica de São Pedro



Fonte: Blog viajadores

Segundo Laver (1989), na mesma época, o domínio alemão da moda europeia com suas cores vibrantes e formas fantásticas deram lugar para a moda espanhola, ajustada e sombria, de preferência na cor preta. Na Inglaterra a tendência de usar cores mais sóbrias começou a ser notada nos anos finais do reinado de Henrique VIII que faleceu em 1547, o rei Eduardo VI que era um menino quando sucedeu o pai não teve influência sobre a moda e quando ele morreu e Maria Tudor subiu ao trono essa tendência foi enfatizada. Não era apenas na cor ou na ausência dela que a nova moda era diferente, havia uma diferença real na corte, um enchimento era usado nos gibões e nas meias com o intuito de encorpá-los, eliminando todas as dobras, esse enchimento do gibão no peito fazia a cintura parecer mais fina e esse efeito era acentuado pelo uso de espartilhos apertados.

A partir de 1570 o rufo passou a existir, surgiu acima da gola alta do gibão e mantinha a cabeça em atitude de desdém, derivado de um cordão que amarrava a extremidade superior da camisa, bastava apertar bem o cordão e o rufo passava a

existir. O rufo era um sinal de privilégio aristocrático e um exemplo de elemento hierárquico, à medida que o século passava o rufo ficava cada vez maior e é difícil imaginar como as pessoas levavam os alimentos a boca.

Imagem 26 – Rainha Elizabeth I usando rufo



Fonte: Getty Imagens

De acordo com Torre (2014) a arte e a arquitetura renascentista serviram de inspiração e pano de fundo para a coleção de inverno 2015 do estilista Reinaldo Lourenço. A inspiração explica boa parte das formas e modelagens da coleção como golas altas, mangas amplas, motivos geométricos tanto no *jacquard* e na tapeçaria, quanto nas estampas de mármore, os fios de seda e os detalhes em couro de cobra. Lourenço recupera valores estéticos clássicos, como a geometria, a pureza no design e noções de perspectiva, mas com olhar fixo nos desejos de agora. O estilista também faz uso de uma leve inspiração nos anos 70, conferindo leveza e sensualidade, com vestidos soltos e botas.

Imagem 27 – Desfile de Reinaldo Lourenço da Coleção de Inverno 2015



Fonte: Agência Fotosite

5 A ARQUITETURA E A MODA NO PERÍODO BARROCO E ROCOCÓ

Nas palavras de Glacey (2001) existia um espírito de exuberância incluído na arte e na arquitetura italiana no início do século XVII. O estilo foi nomeado de Barroco que significa deformado. E pode-se observar bem isso na igreja de *San Carlo Alle Quattro Fontane* construída entre os anos de 1634 e 1682 localizada em Roma. O projeto é de Francesco Borromini um pedreiro independente de Roma, a igreja tinha um exterior muito diferente dos demais e um interior muito caprichado e curvilíneo. Nada como ela havia sido vista antes e Borromini foi conhecido por ter um estilo teatral. Esse estilo era condizente com o espírito de uma nova era no qual o teatro, a ópera e uma vida urbana abundante começava a florescer. A igreja captou logo a mensagem que o teatro e a ópera passavam e entendeu que para conquistar os fiéis e deter o avanço do protestantismo tinha que dar ao povo o equivalente.

Imagem 28 – Igreja de San Carlo Alle Quattro Fontane



Fonte: Wikiarchitecture

Esse foi um momento em que as ideias arquitetônicas se espalhavam com rapidez e o barroco se estabeleceu pela Europa Católica. O barroco italiano avançava cada vez mais com picos de ambição e fantasia e a igreja de abóbadas gêmeas, *Santa Maria della Salute* reflete isso. Construída para celebrar o fim de uma terrível epidemia, a Igreja rodeada por água tem uma nave central de forma octogonal, sobre a qual se apoia uma cúpula que está rodeada de seis capelas menores e a fachada tem um grande portal com quatro grandes e altíssimas colunas coríntias.

Exceto pelas obras de Borromini os experimentos barrocos mais extravagantes foram feitos pelo sacerdote italiano Guarino Guarini, autor do projeto da Capela do Santo Sudário que é um esforço estrutural e decorativo instigante. Para ter acesso a Capela precisa-se subir dois lances de escada, ela contém o Santo Sudário, que é a imagem de um homem que se julga ser o de Cristo. Acima dela ergue-se uma espécie de abóbada em degraus, que é quase impossível recriar mentalmente peça por peça, sendo a construção possível talvez pelo fato de que Guarini além de filósofo e sacerdote ser também matemático.

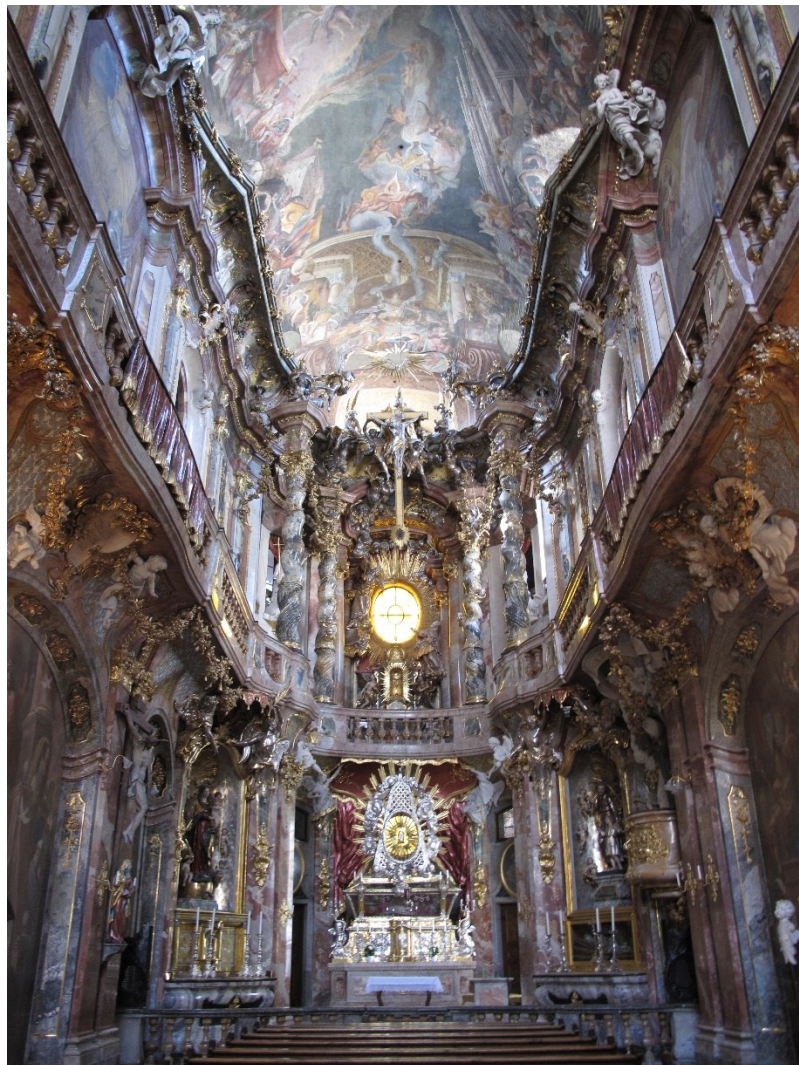
Imagem 29 – Capela do Santo Sudário



Fonte: Puntodincontro

No seu auge o Barroco foi uma fusão do geométrico com o cenográfico, fora da Itália o barroco floresceu principalmente na Europa Católica, na Alemanha e na Áustria, onde assumiu algumas de suas formas mais fantásticas. A igreja de São João Nepomuceno no centro de Munique é luxuosamente revestida de ouro, prata e outros materiais nobres, a fachada é ousada erguendo-se do pavimento como um afloramento geológico fantástico. Era a arquitetura para os sentidos e uma fusão de artes, no projeto barroco os elementos individuais eram secundários diante do efeito total.

Imagem 30 – Igreja de São João Nepomuceno no centro de Munique



Fonte: Wikiarchitecture

De acordo com Diana (2019) no Brasil o Barroco teve como centro Minas Gerais, mas podemos encontrar influências desse estilo em outros locais do país. Aleijadinho se destaca por suas obras em Minas Gerais ficando conhecido por suas

esculturas em pedra-sabão, entalhes em madeira, altares e igrejas. A igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, é considerada, por vários especialistas, a obra-prima da arte colonial brasileira, seu projeto arquitetônico foi feito por Aleijadinho e a pintura do forro da nave por Manuel da Costa Athaide. A igreja apresenta duas torres igualmente arredondadas, que abrigam os campanários e aparecem coroadas por grandes flechas que apontam para o céu.

Imagem 31 – Fachada da Igreja São Francisco de Assis



Fonte: Toda Matéria

Na moda durante o período Barroco o rufo foi gradativamente desaparecendo dando lugar a golas e punhos elaborados com renda, as roupas femininas apesar de elaboradas eram mais naturais pelo fato de o corpo não ser tão deformado como tinha sido pelos espartilhos apertados usados anteriormente. O traje feminino consistia em um corpete e uma anágua que era uma peça usada por baixo da roupa para gerar volume. O corpete costumava ser extravagantemente decotado e amarrado com uma fita de seda na frente. Os cabelos no geral eram rentes ao alto da cabeça e

encrespados dos lados em cachos espessos, as mulheres não usavam chapéus normalmente, mas para sair cobriam a cabeça com pequenos chapéus de tafetá preto ou usavam um xale simples de renda. Os trajes masculinos consistiam em chapéus com aba larga e pluma, cabelos longos e com cachos, uma bermuda ampla que dava a impressão de ser uma saia. Por volta de 1660 perucas começaram a ser adotadas com entusiasmo, a peruca comprida e cacheada era usada por homens elegantes, por ser muito grande e pesada era um estorvo para pessoas ativas e soldados.

As mulheres não usavam peruca, mas usavam um penteado chamado de *fontange*, o nome vem da origem do penteado feito por uma das favoritas de Luis XIV que ao se ver despenteada amarrou depressa os cabelos com uma liga, tendo o penteado aprovado pelo rei, virou moda e foi um dos primeiros exemplos de moda francesa se impondo na Inglaterra de imediato. O vestuário masculino assumiu nos últimos anos do século a forma que manteria durante o século XVIII, distinguia-se por abas largas e copa mais baixa, curiosamente os chapéus eram usados em ambientes fechados e até no jantar, os homens somente descobriam a cabeça na presença da realeza.

Imagem 32 – Retrato de um casal por Bartholomeus van der Helst



Fonte: Art Dots

De acordo com Junqueira (2020), a diretora criativa da marca de luxo especializada em joias e relógios Bvlgari, Lucia Silvestri, teve como inspiração monumentos barrocos em Roma para a coleção da marca no ano de 2020. Assim que as regras de confinamento devido a pandemia de COVID-19 afrouxaram na Itália, a diretora criativa da marca fez uma longa caminhada por uma Roma quase fantasma, passou pela *Piazza Navona* e admirou a majestosa Fonte dos Quatro Rios, de Lorenzo Bernini, e a igreja *Sant’Agnese in Agone*, de Francesco Borromini.

Imagem 33 – Fontana dei Quattro Fiumi, de Gian Lorenzo Bernini e Anel de platina com um diamante amarelo



Fonte: Getty Images

De acordo com Silvestri (2020) “Foi ao mesmo tempo triste e mágico ver essas obras-primas sem ninguém ao meu lado. A intensidade das esculturas, pinturas e prédios que conheço tão bem conseguiram me surpreender.” A coleção é quase um passeio pela Roma barroca, a escultura de Bernini na Igreja de *Santa Maria della Vittoria* foi parar em um anel de diamante amarelo. Um colar em cascata de diamantes e safiras impressiona pelo arabesco imitando as asas dos anjos na *Ponte Sant’Angelo*.

Imagem 34 – Afresco de Giovanni Battista Gaulli na cúpula da igreja Sant’Agnese e Colar inspirado na obra



Fonte: Getty Imagens

Segundo Glancey (2001) no século XVIII a arquitetura parecia ser ou desajeitada ou luxuriante, dependendo do ponto de vista. O rococó, termo derivado de *rocaille*, uma tendência decorativa francesa para mexilhões e conchas de gesso invertidas, foi o floreio final de uma arquitetura cada vez mais fantástica e caprichosa. O estilo surgiu na corte de Luís XIV, conhecido como o Rei Sol e o primeiro exemplo conhecido do estilo Rococó foi um quarto decorado com uma delicada fantasia de pássaros, macacos, fitas, gavinhas, máscaras e outras brincadeiras do pintor Claude Andran no *Château de la Menagerie*, para a noiva de um dos netos de Luís XIV, datado da época de 1690, porém o estilo só foi se firmar anos depois nos salões da Paris do século XVIII.

Imagem 35 – Hôtel de Soubise Salão da Princesa



Fonte: Taamonitoria

O estilo dava vivacidade a salas simples com montes de gesso decorativo e dourados e espelhos por toda a parte, poucos truques arquitetônicos eram necessários quando os recursos decorativos faziam todo o serviço. O espírito do Rococó era exemplificado nos vários ramos das artes decorativas, não era incomum pintores e escultores produzirem desenhos para tapeçaria e porcelana. Usavam-se comumente motivos ornamentais para rodear portas e janelas e para conter os esquemas decorativos de parede e tetos. Geralmente de madeira ou estuque, os motivos rococós típicos incluem ornatos em C e S, conchas, flores, samambaias e formas coralinas.

O rococó encontrou formas próprias na Espanha e em Portugal, na Espanha o estilo exuberante foi em parte uma reação contra os rigores do reinado de Filipe II e atravessaria pelo menos três fases mais ou menos distintas entre 1680 e 1780, já em Portugal edifícios simples, igrejas e palácios foram cobertos de uma decoração luxuosa depois da chegada de galões cheios de ouro e diamante do Brasil.

Imagem 36 – Palácio Nacional de Queluz

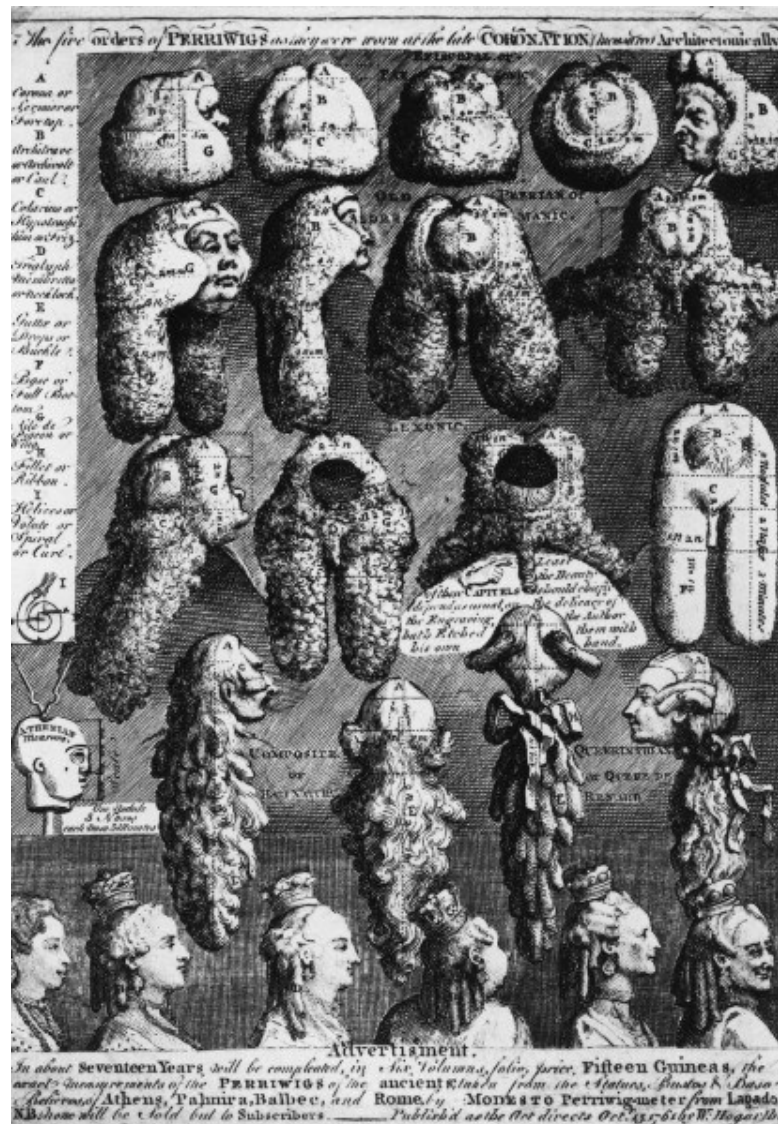


Fonte: Visit Sintra

Enquanto isso na moda as linhas básicas do século XVIII já haviam sido estabelecidas nos últimos vinte anos do século XVII, o enorme prestígio da corte de Versalhes havia provocado em toda a Europa uma disposição de aceitar em questões de moda e muito mais o domínio da França, daí em diante roupas elegantes significavam pelo menos para as altas classes, roupas francesas. No que se diz respeito aos tecidos eles eram ricos e suntuosos, o efeito geral era de rigidez, dignidade e seriedade, essa mesma aparência de dignidade era conseguida pelos homens a partir da *perruque á crinière* uma peruca comprida, ela não era usada para esconder a calvície e sim como peça essencial no vestuário de todos os homens da classe alta.

A peruca comprida era muito incômoda e cara, formava um amontoado de cachos emoldurando o rosto e caindo até abaixo dos ombros, dentro de casa ela era substituída por uma boina bordada. A peruca era às vezes na cor preta, mas podia ser coberta com pó branco ou cinza, era feita de cabelo humano, crina de bode, crina de cavalo ou fibras vegetais, as mulheres no geral não usavam perucas, mas empoavam os próprios cabelos.

Imagem 37 – As cinco ordens de perucas por William Hogarth



Fonte: Art prints on demand

Os anos finais do reinado de Luis XIV foram marcados por um aumento na afetação e formalidade, porém com sua morte em 1715 deu-se início a uma nova era. Como reação a tudo o que o Rei Sol significava, as roupas femininas se tornaram mais soltas e com linhas mais fluidas. A nova forma de se vestir era chamada de *sacque*, uma roupa confortável e quase sem forma com pequenas pregas atrás. Um aspecto curioso das roupas desse período foi a volta dos arcos, ao invés de altura as mulheres procuravam a amplidão e a saia se abria para os lados, às vezes chegando a 4,5 metros por meio de barbatanas de baleia ou arcos de salgueiro. Essa amplidão era motivo de alguns inconvenientes uma vez que era impossível duas damas passarem lado a lado por uma porta, ou até se sentarem no mesmo sofá. Nesse

momento a moda influenciaria a arquitetura com os corrimãos curvos das escadarias do século XVIII.

Durante três quartos do século XVIII não houve mudanças significativas na moda masculina estabelecida em meados do reinado de Luis XIV, o traje masculino consistia em casaco, colete e calções, o casaco era justo até a cintura e depois se abria apresentando comprimentos variados. Por baixo do casaco ficava o colete de tecido diferente e às vezes muito bordado, após a metade do século o bordado passou para o casaco. O chapéu tricórnio foi de uso geral durante o século, a prática normal era virar a aba para cima e prendê-la na parte de baixo da copa de maneira que formasse um triângulo, as bordas eram guarnecidas com cadarço e costumava-se prender um botão ou joia na dobra do lado esquerdo. (LAVÉR, 1989)

Imagem 38 – Chá a inglesa na casa da princesa de Conti



Fonte: Wikimedia

De acordo com Laver (1989) apenas por volta de 1760 começou a discernir as tentativas iniciais de um novo estilo, a mudança consistiu em uma ênfase menor no estilo da corte francesa e na adoção crescente das roupas inglesas do campo, havia uma tendência para a praticidade e a simplicidade. O chapéu tricórnio começou a ser substituído pelo menos nas atividades de caça por um outro com aba estreita e copa

alta que servia como um capacete. Os cabelos femininos tendo sido penteados desde a época do *fontage*, começam a elevar-se, o penteado tinha um topete alto puxado da raiz dos cabelos e esticado sobre uma almofada no alto da cabeça que formava o centro da construção com fileiras de cachos ao lado, toda a estrutura do cabelo era mantida por muitos alfinetes simples e duplos.

Na década de 1770 iniciou-se uma alteração marcante nas roupas femininas que pode ser resumida como uma transição dos arcos para um tipo de anquinhas. O corpete também começou a ser estufado e eram geralmente decotados sendo o colo coberto por um lenço. No final do século XVIII as linhas gerais das roupas estavam estabelecidas, para as mulheres uma versão do que veio a ser conhecido como vestido império e para os homens um traje que já podemos reconhecer como tipicamente inglês, as duas modas apresentavam poucas variações pela Europa.

Imagem 39 – Encontro para Marly, a maneira de Moreau le Jeune.



Fonte: Photobucket

Segundo Garcez (2008) o estilista Samuel Cirnansck se inspirou no estilo rococó para criar sua coleção de verão 2009. Em um jardim que muito lembra os

jardins de Versales na França, com direito até a um chafariz, as modelos trocam o salto alto e desfilam calçando só sapatilhas e vestem suntuosos vestidos de festa. Os curtos têm trabalho de volume nas saias, que, às vezes, vem em dobraduras ou em bolha de tecido, já os soltos, longe do corpo, lembram camisolas. O estilista refez o corselete de várias formas e em vários tecidos, destaque para os com barbatanas aparente e babados no decote e na barra. As estampas são destaque, já que o desfile é quase inteiro em tom bege claro, temos a de tapeçaria de flores e a de onça, que dá um ar mais contemporâneo para a coleção e os bordados aparecem em cristais e pérolas.

Imagem 40 – Desfile Coleção de verão 2009 de Samuel Cirnansck



Fonte: Agência Fotosite

De acordo com Pacce (2016), o estilo rococó também foi inspiração para Karl Lagerfeld na coleção primavera-verão 2017 da Fendi. O estilo foi de encontro com a modernidade, e trouxe babados, mangas, saias volumosas, estampa floral e tons pastel, ao mesmo tempo mesclando metalizados, lingerie à mostra, aplicações em 3D, corte à laser e muitas listras. O estilista trabalhou os detalhes de cada peça para criar uma Maria Antonieta contemporânea e a silhueta é definida pelo encontro de gêneros. O fio condutor da temporada são camisas utilitárias combinadas a peças sofisticadas, ambas afastada do corpo.

Imagem 41 – Coleção primavera-verão 2017 da Fendi



Fonte: Antonio Barros

6 A ARQUITETURA NEOCLÁSSICA E A MODA NO SÉCULO XIX

Segundo Glancey (2001) a arquitetura neoclássica já vinha sendo apresentada na metade do século XVIII ganhando força na primeira metade do século XIX, o neoclássico era uma arquitetura grega e romana atualizada com novas finalidades e tecnologias. O neoclassicismo conseguiu servir a vários objetivos, uma fachada nobre para casas de campo, prefeituras, estações ferroviárias e até mesmo *em North Yorkshire*, para um chiqueiro. O século XVIII viu mudanças fundamentais na geografia política da Europa, a Itália e a Espanha estavam em declínio e a Grã-Bretanha, a França e a Prússia em ascensão. A Europa protestante estava prestes a florescer ao passo que antes do fim do século a monarquia do Rei Sol estava para terminar com a queda da Bastilha e a Proclamação da República revolucionária.

O templo da Glória localizado em Paris mostra como a arquitetura francesa mudou um século após nascimento do rococó, demonstrou o grau qual os arquitetos do novo mundo clássico haviam chegado no estudo das antigas civilizações da Grécia e de Roma, o que ficou conhecido como o Grande Tour. O discreto novo estilo, com interiores suntuosos, mas comedidos também foi adotado por influentes proprietários como Thomas Coke, conde de Leicester que tinha ideias radicais a respeito de agricultura e paisagismo.

Imagem 42 – O templo da Glória



Fonte: Biblioteca digital mundial

A influência *palladiana*, estilo arquitetônico derivado da obra prática e teórica do arquiteto italiano Andrea Palladio era onipresente e durante boa parte do século XVIII foi o estilo de construção de casas britânicas e irlandesas. Um refinamento adicional foi a fusão do projeto *palladiano* com as pesquisas sobre a decoração romana e etrusca que foram um povo que viveu na Etrúria, na península Itálica. O estilo se tornou comum para moradias produzidas em massa, muitos construtores produziram cadernos oferecendo projetos fáceis de copiar para casas grandes e pequenas. Se o movimento *palladiano* estabeleceu o tom da casa urbana e rural britânica durante boa parte do século XVIII em diante também foi felizmente responsável pelo movimento pitoresco nos projetos de paisagismo e jardinagem. Por todo a Inglaterra foram escavadas terras agrícolas e paisagens naturais se transformaram em paisagens clássicas, elas se caracterizavam por lagos e agrupamentos de árvores cuidadosamente dispostas e por uma ponte, um obelisco ou um gazebo adicional.

Imagem 43 – Jardim de Stowe



Fonte: Revista Jardins

Nos Estados Unidos Thomas Jefferson estabeleceu o que quase pode ser chamado de arquitetura oficial dos Estados Unidos durante a maior parte do século, o classicismo. Ele era o principal autor da Declaração de independência da República e um dos primeiros presidentes, contanto sua influência foi muito grande. Thomas

desenvolveu suas ideias arquitetônicas enquanto vivia na França como embaixador na corte de Versalhes na década de 1780, ali ele adotou o estilo *palladiano*. Em uma viagem pelo sul da França ele conheceu o Maison Carrée que inspirou o projeto do Capitólio do Estado em Richmond na Virgínia, que é um grande templo jônico no qual foram espremidos gabinetes e outros serviços administrativos. Ele foi um entusiástico na difusão da arquitetura clássica moderna nos Estados Unidos, uma forma de fazer isso foi projetar a nova Universidade de Virgínia em Charlottesville como um exemplo de projeto a ser copiado e tomado como modelo. A biblioteca ergue-se orgulhosamente no fim de um longo gramado retangular e foi projetado para lembrar o Panteão de Roma. A inspiração clássica de Thomas Jefferson marcaria a arquitetura oficial dos Estados Unidos por um bom tempo.

Imagem 44 – Universidade de Virgínia em Charlottesville



Fonte: Dreamstime

Em Paris além do templo da Glória, um aluno recebeu a incumbência de projetar o arco do triunfo de *L'Etoile* em Paris. A construção começou em 1808, é famoso por seu tamanho e ainda estar em pé. Na época Napoleão foi responsável pela aparência e pela construção das longas fileiras clássicas de apartamentos e lojas. O século XIX é, portanto, caracterizado por uma espécie de código, o ecletismo historicista, em que todos os gostos podem estar simultaneamente presentes no trabalho global do mesmo projetista ou mesmo no mesmo prédio. As características

do neoclassicismo são plantas bloqueadas em figuras regulares, simetria bilateral encontrada no plano e elevação, prevalência do sistema trilitico que são dois pilares verticais e uma viga horizontal juntas sobre as arqueadas e abóbadas e composições volumétricas que favorecem o desenvolvimento horizontal. Os materiais utilizados eram pedra, mármore, estuque branco ou até mesmo coloridos quando o policromo da arquitetura grega foi descoberto. Nos campos literário e artístico dominou o romantismo na primeira metade do século, enquanto na segunda metade o realismo foi afirmado e, na pintura, o impressionismo.

Imagem 45 – Arco do Triunfo

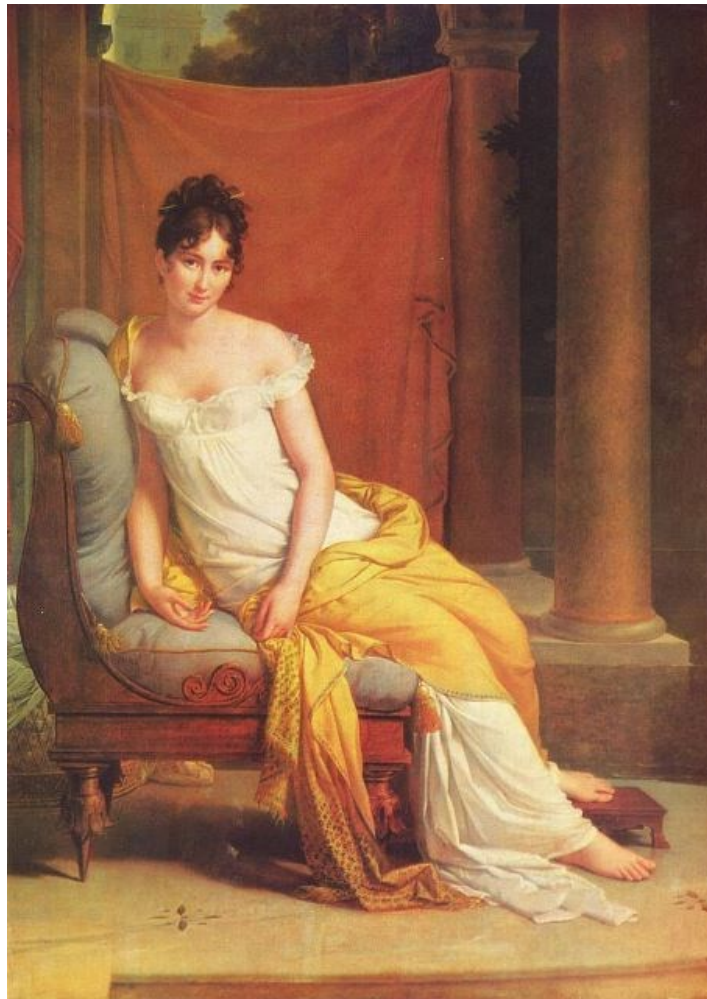


Fonte: Wikimedia

De acordo com Laver (1989) talvez em nenhuma outra época entre os tempos primitivos e a década de 1920 as mulheres tenham usado tão pouca roupa como no início do século XIX, todos os trajes pareciam ter sido criados para climas tropicais, na França e na Inglaterra que ditavam a moda o traje aceito era uma espécie de camisola leve chegando até os tornozelos, porém extremamente decotada mesmo durante o dia. Havia uma paixão por xales que a princípio vinham de Caxemira, mas estando em guerra com a Inglaterra a importação pelos franceses se tornou difícil, portanto, começaram a fabricar xales semelhantes. Saber usar um xale com graça era a marca de uma mulher elegante e ele era essencial em qualquer guarda-roupa de

todas as mulheres. No momento em que a arquitetura neoclássica encontrava inspiração na arquitetura grega e romana é inegável como os trajes também remetiam aos usados na antiguidade clássica.

Imagem 46 – Madame Récamier



Fonte: Arteblog

As linhas buscavam um efeito clássico com ênfase na linha vertical, porém com a expedição de Napoleão para o Egito a influência oriental contribuiu para mudanças nesse ideal e o estilo clássico durou mais ou menos até 1803. Após cessarem as hostilidades entre a Inglaterra e a França, os dois países ficaram cerca de 12 anos sem manterem muitas relações, então quando em 1814 mulheres inglesas voltaram a ir em Paris a moda dos dois países divergiu de maneira notável. As francesas ainda usavam branco, mas a saia ao invés de cair até o tornozelo abria-se ligeiramente na barra, já as roupas inglesas estavam começando a adquirir um ar romântico, com elementos elisabetanos, como mangas fofas e aberturas. O resultado desse confronto

foi as mulheres inglesas abandonarem imediatamente sua moda e adotarem a francesa. O oposto aconteceu com os trajes masculinos, os franceses aceitaram plenamente o traje inglês como uma lei. O ano de 1822 marcou uma mudança nos trajes femininos com a cintura voltando para o lugar e ficando cada vez mais fina, o espartilho volta a ser parte essencial do vestuário feminino, mesmo para meninas.

O efeito da cintura mais fina podia ser aumentado tornando a saia mais ampla e as mangas fofas, e isso aconteceu de fato na década de 1820, em torno de 1828 as saias ficaram um pouco mais curtas, mas as mangas continuaram a crescer e o corpete dava a impressão de amplidão. O leque era uma parte essencial da vida noturna e frequentemente também se carregava um grande buquê. Por volta de 1837 a moda romântica e extravagante começa a mudar, as mangas já não eram tão amplas e o volume começou a descer pelos braços, o corpete com barbatanas era justo no corpo e adornado na frente com um pedaço de tecido em forma de leque. As cores vivas deram lugar ao verde-escuro e ao marrom e os xales voltaram a agradar.

O prospero homem de negócios que começava a deixar a cidade e instalar sua família em confortáveis casas recém-construídas em subúrbios elegantes e esperava-se duas coisas de suas esposas, que elas fossem um modelo de virtudes domésticas e que não fizessem nada, isso era a marca do status social do marido, e olhava-se para qualquer tipo de trabalho com desprezo. Essa atitude se refletia nas roupas e de fato o grande número de anáguas usadas na época impedia as mulheres de realizar qualquer atividade sem fadiga. O pudor reinava incontestado, as saias iam até o chão e os sapatos mal podiam ser vistos sob as anáguas.

Após a década de 1820 que foi marcada pela escassez, veio a efervescente e prospera década de 1840, era o ano das revoluções que resultou na derrota da esquerda em toda a Europa. Na Inglaterra a Grande Exposição de 1851 mostrou não só novos tipos de tecnologia, mas também trouxe a esperança de que uma era de paz e fraternidade estava para começar, os negócios e o comércio prosperavam e prosperidade significava maior elaboração nas roupas, as saias foram ficando rodadas e o efeito desejado era alcançado com um número maior de anáguas, que em 1856 foram substituídas por uma crinolina de armação.

Imagem 47 – Ilustração La Follet de 1863, a moda em Paris

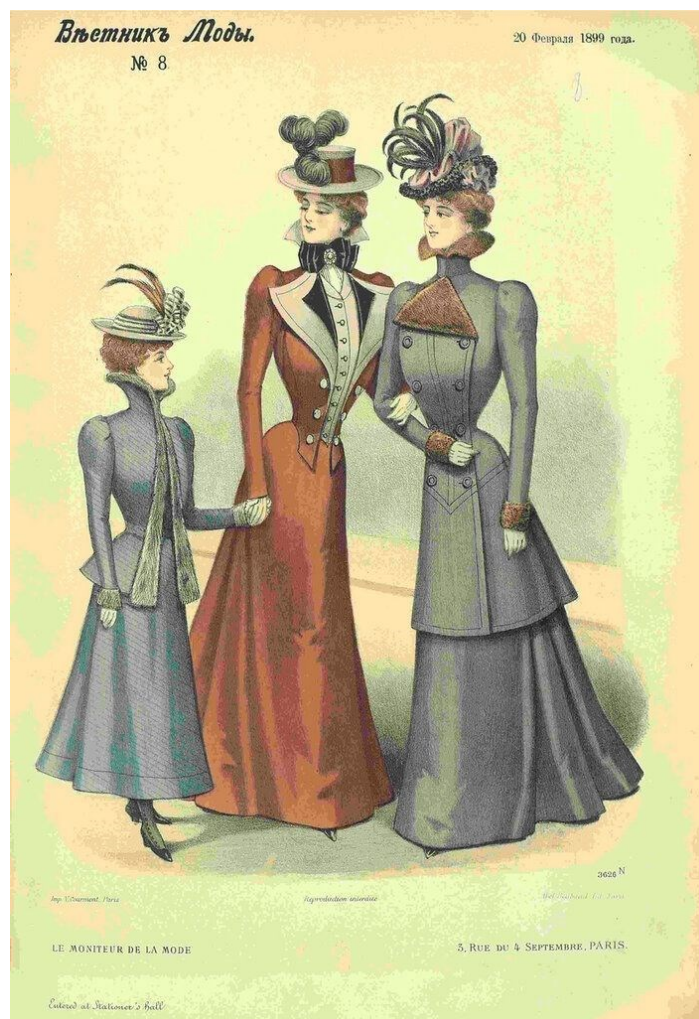


Fonte: Albion prints

Segundo Laver (1989) um dos princípios da moda parece ser que uma vez que o exagero é aceito ele se torna cada vez maior, assim no fim da década as saias armadas pelas crinolinas estavam cada vez maiores. Mas as mulheres também estavam empenhadas em usar calças e os homens de meados do período vitoriano considerava tal atitude um ataque ultrajante a sua posição privilegiada. No entanto o movimento foi um fracasso total, algumas mulheres adotaram o traje, mas as classes altas se recusaram a aceitá-lo. A crinolina durou aproximadamente quinze anos e durante esse tempo passou por diversas modificações. Já no fim do século membros do movimento Traje Nacional preocupavam-se com o aspecto não saudável da moda e protestavam em particular contra o espartilho apertado e contra as camadas desnecessárias de roupas, acolchoados e barbatanas.

O movimento finalmente atingiu seu objetivo à medida que as mulheres começaram a ter uma vida mais ativa e os espartilhos rígidos saíram de moda. A década de 1890 como um todo foi uma época de mudança de valores, a velha e rígida estrutura social estava se desfazendo visivelmente, para os jovens havia uma brisa de liberdade, simbolizada tanto pelos seus trajes esportivos quanto pelas extravagância de suas roupas cotidianas, era notável que a era vitoriana estava terminando.

Imagem 48 – Vestido de passeio em 1899



Fonte: Albion prints

7 A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: ART NOUVEAU, ART DÉCO E BAUHAUS

De acordo com Gympel (2001) a industrialização trouxe grandes alterações econômicas, técnicas e sociais. A maioria das pessoas já não vivia no campo, iam para as grandes cidades para trabalharem em fábricas e viviam em blocos habitacionais densamente construídos. As condições de higiene eram precárias e as chamadas doenças da pobreza como a tuberculose eram rotineiras. Sendo assim no princípio do século XX a reação contra essa situação foi inicialmente o movimento de volta a natureza. O crescimento cada vez maior das cidades tinha tornado a campo distante para muitas pessoas, uma distância que só podia ser transportada nos domingos e uma reforma no modo de vida se tornou bastante discutida. Para os arquitetos e artistas o regresso a natureza pareceu promissor, com a revolução industrial, algumas invenções tornaram-se fundamentais para as modificações estéticas do fim do século XIX, as máquinas resgataram as formas tradicionais, fornecendo meios para as produzir. Esta situação verificou-se em todos os domínios, objetos que até aquele momento resultavam do trabalho pesado, executado na forja, podiam ser produzidos industrialmente com ferro fundido, elementos decorativos passaram a ser fabricados em série, constituindo artigos de catálogo, que podiam ser escolhidos por imagens, encomendados, e depois colados nas paredes.

Segundo Laver (1989) o período entre o início do século XX e o princípio da primeira guerra mundial é chamado na Inglaterra de era eduardiana, já na França o período é conhecido como *la belle époque*. Era uma época de grande ostentação e extravagância e o clima nos países eram semelhantes. Tudo era maior que o natural, havia uma avalanche de bailes e jantares, gastava-se muito dinheiro, consumia-se mais comida, ficava-se acordado até mais tarde como nunca se fez.

7.1 Art Nouveau

No ano de 1895, Samuel Bing abriu em Paris sua loja Art Nouveau e deu nome a um estilo de curta duração, mas extremamente expressivo, mais adequado talvez a decoração de interiores, acessórios e ilustração do que a arquitetura. O Art Nouveau foi uma tentativa de encontrar uma aparência nova para uma época nova. Utilizavam formas vegetais, linhas fluidas, aplicavam frequentemente motivos baseados em

plantas trepadeiras, quedas de água ou cabelos de mulheres compridos e soltos. Uma de suas principais características foi a busca de originalidade, tanto na forma de expressão, como pelo uso de materiais até então pouco explorados nas artes.

Imagem 49 – Ilustração La plume de Alphonse Mucha



Fonte: Greatbigcanvas

Usado como forma de decoração nos teatros, lojas, restaurantes e cafés no fim do século o Art Nouveau foi introduzido na arquitetura com pouco sucesso. Uma exceção é o Hotel *Tassel* projetado por Victor Horta, localizado em Bruxelas, uma casa fascinante quase uma obra de arte, assoalhos com ricos mosaicos, paredes pintadas em torno de um corrimão de uma escada extremamente decorada, um jogo com flores e formas vegetais que caracterizam o estilo, parece um local precioso demais para ser habitado. Já o pintor austríaco Gustav Klimt fundou em 1897 a sucessão Vienense, um grupo de arquitetos e artistas com um estilo altamente decorativo e similar ao Art Nouveau, ele é famoso pelos retratos, e suas obras são

caracterizadas pelo estilo decorativo, uso de formas geométricas e uso de cores metalizadas. Entre as decorações que ele produziu estão muitas que projetou para a sala de jantar do *Palais Stoclet*, projetada por Josef Hoffman, uma casa exuberante formada por cubos e retângulos em ascensão em torno de uma torre central. Os interiores são claros e brilhantes, mas ricamente decorados com pinturas douradas de Klimt. (GLANCEY, 2001)

Imagem 50 – Hotel Tassel

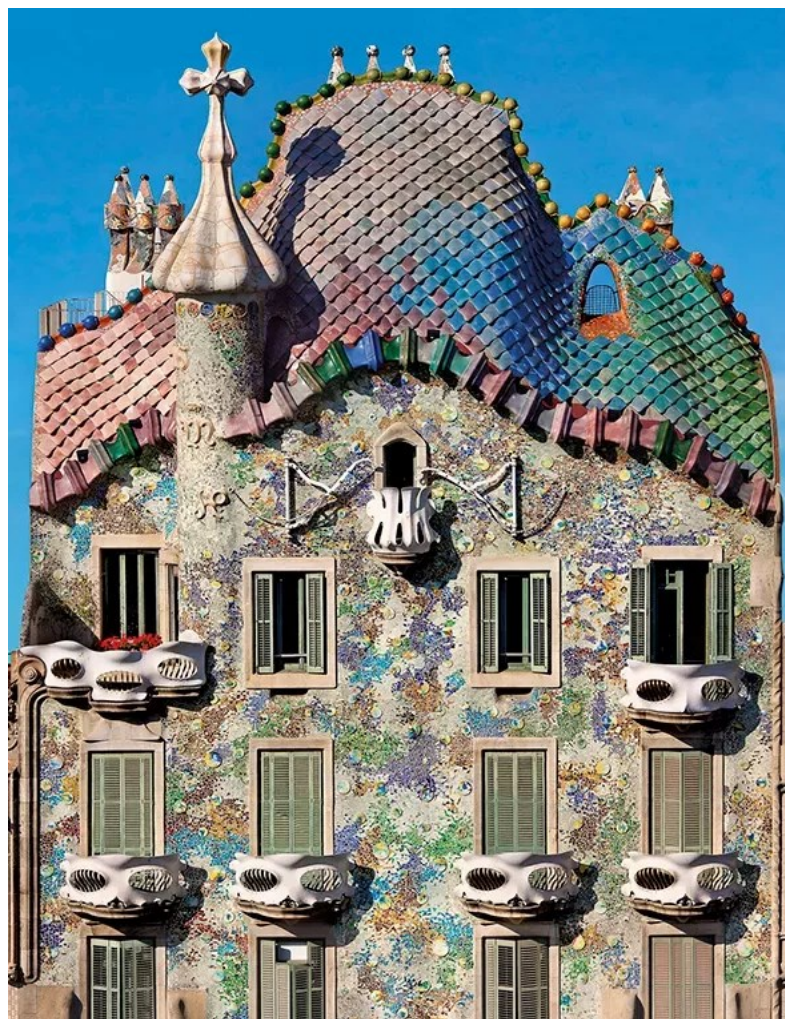


Fonte: Artdays

Segundo Gympel (2001) o arquiteto Catalão Antoni Gaudí ocupa um espaço importante no movimento que na Espanha levava o nome de modernismo. Gaudí entendia o edifício como uma escultura, as fachadas se transformavam em superfícies porosas e que pareciam se movimentar, enquanto a fachada da Casa Batllo é como a pele escamosa de um lagarto e os balcões parecem ser feitos de ossos. No ano de

1883 ele foi encarregado de continuar a obra da Igreja Sagrada Família que era de estilo neogótico em Barcelona, Gaudí que acreditava em uma arquitetura abrangente e simultaneamente individualista fez uma interpretação muito própria misturando o gótico com elementos da natureza, no entanto a obra não foi finalizada até hoje. A obra de Gaudí é única, suas estruturas são lógicas e a geometria aparentemente estranha está enraizada na natureza, de certa forma ele estava tentando criar uma arquitetura que ligasse os homens a Deus e a natureza.

Imagem 51 – Casa Batllo, obra de Antoni Gaudi



Fonte: Visitcasabatllo

O bucolismo característico do Art Nouveau aparece nos acessórios em forma de animais e flores, como os desenhados pelo joalheiro René Lalique, enquanto nas roupas, surge em estampas pintadas à mão em peças de seda, além de desenhos

tramados em *jacquard*. Contudo, é nos acabamentos dos vestidos, como aplicações de franjas e rendas, que a inovação aparece.

Mais importante que as formas concretas do Art Nouveau foram as ideias e os princípios teóricos que a tornaram em muitos países a base da modelação moderna. De uma arquitetura pesada e estática agora a tendência ia para a fluidez, o movimento e a graciosidade. Foi com essa fluidez que a bailarina americana Loie Fuller conquistou o público de Paris na estreia de seu espetáculo no *cabaret Folies-Bergère*. Com a ajuda de longas canos de bambu ela manipulava graciosamente seu traje longo de seda translúcida, evocando formas orgânicas, borboletas, flores, labaredas de fogo, encenadas com um jogo de luzes de cor. Ela foi uma das figuras femininas mais relevantes do fim do século XIX e início do século XX, exerceu uma notória influência sobre artistas, fotógrafos e intelectuais da época. (HEITLINGER, 2018)

Imagem 52 – Loie Fuller



Fonte: publicdomainreview

A moda como sempre era um reflexo da época e até as cores refletiam o grande otimismo do momento, eram tons pasteis de rosa, azul claro ou malva, o preto vinha

com pequenas lantejoulas pregadas na peça, os tecidos favoritos eram o crepe da China, chiffon, musseline e tule, muitos vestidos eram bordados com motivos florais com pequenos ramalhetes de fitas ou até mesmo pintados à mão. A blusa havia se transformado em uma confecção requintada, algumas possuíam babados circulares de musseline fazendo uma curva bonita e graciosa. O vestido para o chá era agora uma criação quase artística. Por volta de 1910 houve uma mudança fundamental nas roupas femininas e muito se discute sobre o que provocou a mudança, que foi designada ao Balé Russo, bem como a Paul Poiret que foi um dos principais estilistas franceses que aboliu as anáguas e, mais radicalmente, os espartilhos. O certo é que houve uma onda de orientalismo, as cores rosa claro e malva foram abandonados por cores fortes e em 1913 os vestidos não traziam mais golas até as orelhas em seu lugar havia o decote em V.

Imagem 53 – Vestido de noite na La Gazette du Bon Ton em 1914

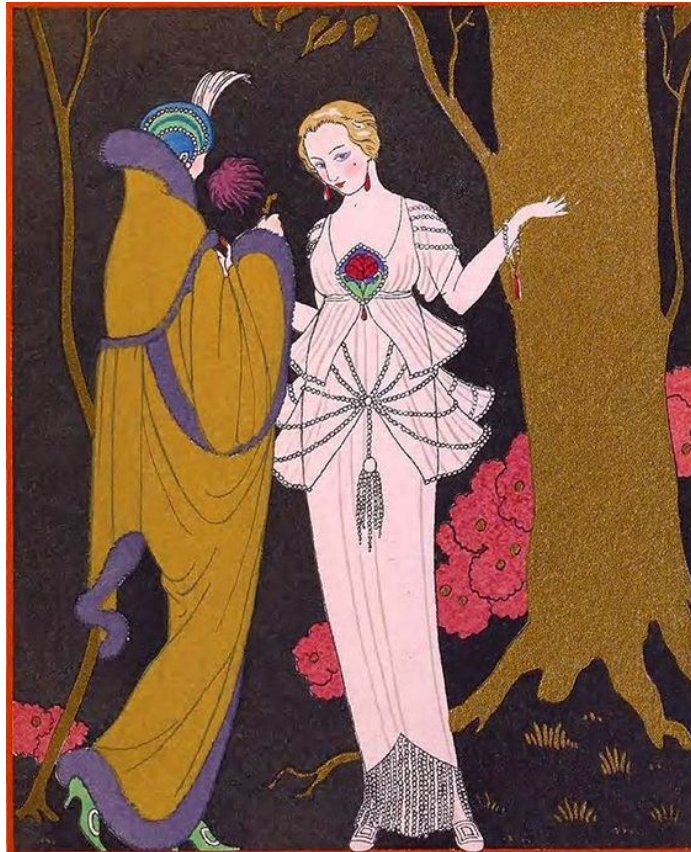


Fonte: Wikimedia

Pouco antes do início da guerra houve uma modificação na linha geral dos vestidos, sobre a saia muito comprida e justa, usava-se outra saia uma espécie de

túnica de comprimento longo até o joelho. A primeira guerra mundial teve efeito de abafar a moda e há poucos registros até o final do conflito e o Art Nouveau acabou por se estagnar em simples jogos decorativos já antes da guerra, e só voltaria com uma onda nostálgica nos anos 70.

Imagem 54 – Ilustração da La Gazette em 1914.



Fonte: silibliotecas

De acordo com Pacce (2018) construções do arquiteto Antoni Gaudí foram a inspiração para a coleção de outono-inverno 2018/19 da Elie Saab. O estilista fez uma viagem até Barcelona onde estão localizadas diversas obras do arquiteto e uniu a feminilidade e glamour da sua marca com o teor orgânico e cheio de curvas dos edifícios. A inspiração está nas padronagens e texturas, estamparia e aplicações de renda. Um dos destaques foi trabalho gráfico em azul e dourado de algumas peças, que fazem referência sutil às veias pulsantes do corpo humano. O estilista fez referências a todos os tipos de formas curvilíneas, dos arcos da catedral mais admirada do mundo, a Sagrada Família, vistos nas caudas fluidas de muitos dos seus

vestidos, ou nos decotes exagerados de seus vestidos *cocktail* em organza de seda e brocados.

Imagem 55 – Desfile da coleção de Elie Saab inspirado em Antoni Gaudi



Fonte: Blog Lilian Pacce

Em 2016 foi a vez da marca Alessa se inspirar no movimento, as estampas da coleção de primavera-verão 2016/17 apresentada no Rio Moda Rio vêm da Art Nouveau. As cores são mais fechadas com tons de musgo e azul marinho e as peças são leves e fluidas em função dos tecidos como organza, crepe, cetim e tule.

Imagem 56 – Desfile da marca Alessa



Fonte: Blog Lilian Pacce

O ateliê Sandro Barros usou como ponto inicial de sua coleção de outono/inverno 2016 o pintor austríaco Gustav Klimt, que se destacou dentro do movimento Art Nouveau austríaco e foi um dos fundadores do movimento da Secessão de Viena, que recusava a tradição acadêmica nas artes. O estilista mergulhou nos arquivos do Museu Leopold, localizado em Viena, que ficou conhecido como um museu focado em Art Nouveau, com vários quadros de Klimt. Os dourados e os grafismos das pinturas de Klimt, dominaram os bordados metalizados em paetês, vidrilhos e cristais. As paisagens e os jardins pintados pelo artista se refletem nas flores aplicadas de maneira sutil aos vestidos de tule e renda e nos brocados que parecem uma palheta de cores borrada contrastando com a densidade do veludo. (BARROS, 2016)

Imagem 57 – Coleção de Sandro Barros



Fonte: Peu Campos

7.2 Art Déco

Segundo Oleques (2018) o Art Déco tem origem na Europa no começo do século XX, porém seu apogeu se deu na década de 20. O termo Art Déco nasceu da expressão *arts decoratifs* que significa arte decorativa. Este estilo se afirmou nas artes visuais, nas artes aplicadas como design de interiores e mobiliário, no desenho

industrial, na moda, no cinema e especialmente na arquitetura onde teve uma presença marcante. Começou a ganhar força como um estilo artístico a partir da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas que ocorreu em Paris em 1925. Foi um estilo visto na época como ultramoderno e de alto luxo, destinado a burguesia do pós-guerra e era comum o uso de materiais caros como o marfim, a jade e a laca. A partir da exposição Art Déco no *Metropolitan Museum de Nova York* em 1934, o estilo passou a valorizar a produção industrial, com materiais e formas aptas de serem produzidas em massa. Dessa forma o estilo Art Déco foi popularizado e de fácil acesso a população por meio da publicidade, dos objetos de uso domésticos, das joias e bijuterias, da moda e do mobiliário. Apesar de ter ganho fama no período entre as duas guerras mundiais, o estilo só foi reconhecido como um movimento na década de 1960.

Imagem 58 – The Rockefeller Center, 1933



Fonte: Wikimedia

O estilo traz traços menos naturais diferente do que o Art Nouveau trouxe anteriormente, a predominância da simetria, linhas simples e influência dos movimentos artísticos da época como o futurismo e o construtivismo. Na arquitetura era representada pelo uso do concreto armado, de linhas retas e formas retangulares bem-marcadas. O estilo chegou ao Brasil ainda no final da década de 1920 e é possível encontrar inúmeras construções neste estilo no Brasil como o Cristo Redentor que é a maior estátua Arte Déco do mundo e a Torre do Relógio da Central do Brasil.

Imagem 59 – Chrysler Building, Nova York



Fonte: Curbed

Segundo Laver (1989) após a primeira guerra mundial a moda foi retomando seu ritmo e no ano de 1925 para o escândalo de muitos veio a verdadeira revolução das saias curtas, existiu até um projeto de lei que previa multa e prisão para quem usasse nas ruas saias de comprimentos inferiores a 8 centímetros acima dos tornozelos, porém foi tudo em vão e um novo tipo de mulher passa a existir, o novo ideal era andrógino, as moças procuravam ter a aparência de rapazes tanto quanto possível, todas as curvas, um atributo feminino admirado por tanto tempo foram

completamente abandonados e as linhas retas dos vestidos muito lembravam os grandes prédios arte déco construídos no período.

Imagem 60 – Vestidos de verão nos anos 20



Fonte: constanzawho

O talento proeminente da década de 20 com certeza foi Coco Chanel, que só encontraria uma rival à altura anos mais tarde com Elsa Schiaparelli, ambas não eram apenas estilistas, mas elementos importantes de todo o movimento artístico da época. A função da moda é mudar e estava claro no final da década de 20 que um novo estilo estava para ser criado, as saias se encurtaram ao máximo para aquela época e os fabricantes de meia de seda certamente estavam se beneficiando, mas os vestidos da época não davam muito lucro aos fabricantes de tecidos e logo fizeram tentativas de alongar novamente as saias e as primeiras experiências foram com os vestidos de noite, as saias continuaram curtas mas as vezes traziam uma sobressaia de gaze um pouco mais comprida, porém à medida que a década chegava ao fim as saias repentinamente voltaram a ser compridas e a cintura retornou ao lugar, assim como em 1820 a volta da cintura a sua posição normal simbolizou um movimento em direção a um novo paternalismo, em termos econômicos a depressão americana e em termos políticos a ascensão de Hitler. As roupas masculinas continuaram seu progresso a informalidade que já vinha desde o fim da primeira guerra mundial, o terno passou a

ser usado habitualmente e depois de 1922 ficou mais curto e não possuía abertura atrás.

Imagem 61 – Mulheres em 1930



Fonte: fashionparteblog

De acordo com Phelps (2011) em comemoração ao seu 90º aniversário em 2011 a marca Gucci se inspirou na Art Déco e levou para a passarela elementos do estilo. Na alfaiataria a marca seguiu linhas bastante andróginas com jaquetas curtas e calças de cintura alta com pregas na frente ou riscas. Desenhos geométricos nas jaquetas, botões e vestidos de *charleston* cheios de bordados e franjas faziam referência ao estilo.

Imagem 62 – Desfile da Gucci inspirado na Arte Déco



Fonte: ffw

No ano de 2019, Reinaldo Lourenço abriu o evento SPFWN47 com uma coleção inspirada em Miami. O estilista fez referência à Art Déco com estampas das fachadas de edifícios do estilo na alfaiataria de puro linho e na camisaria de algodão que contrastam com a sensualidade do couro e dos vestidos moldados por argolas de metal.

Imagem 63 – Desfile de Reinaldo Lourenço inspirado no Arte Déco



Fonte: ffw

7.3 Bauhaus

A Bauhaus foi uma academia de artes alemã criada em abril de 1919 sob a direção do arquiteto Walter Gropius. Antes da primeira guerra a Alemanha tinha um sentimento de que as artes e os ofícios deviam se alinhar a indústria para elevar a qualidade do design industrial alemão. A missão de Walter Gropius foi reunir artistas, artesãos e arquitetos para recriar o mundo dos construtores medievais, mas em um contexto moderno. O nome Bauhaus tem o significado de casa de construção e era um jogo de palavras, lembrava a palavra medieval *bauhutte* que significa casa do pedreiro e refletia o fato de que a escola queria lidar com o problema de abrigar em edifícios modernos os milhões de pessoas, na sua maioria pobres que tinha perdido seus lares na primeira grande guerra. (GLANCEY, 2001)

Imagem 64 – Prédio da Bauhaus



Fonte: Veja

De acordo com FUKS (2018) a escola tinha uma proposta inovadora e rompeu com o ensino clássico da arte ao estimular a produção de objetos que tivessem como prioridade um resultado final. As principais características da Bauhaus eram foco no funcionalismo, uma obra capaz de ser produzida em grande escala e para qualquer tipo de público, estimular o hábito de pensar, idealizar e projetar o processo produtivo por inteiro, e apesar da escola presar o funcionalismo, o intuito era criar obras que se mantivessem distantes de qualquer espécie de tédio ou cansaço. Além de investir na arquitetura e nas artes plásticas, os docentes e alunos criaram uma série de móveis seguindo as doutrinas aprendidas.

No ano de 1917 Gerrit Rietveld que era filho de um fabricante de armários e projetava desde cedo moveis com o seu pai criou a célebre cadeira Vermelho e Azul se inspirando na pintura de Mondrian. Outro mobiliário famoso é a cadeira Barcelona que foi criada para participar do Pavilhão Alemão da Feira Internacional de Barcelona no ano de 1929. A cadeira era composta originalmente em couro e possuía duas partes sendo o encosto e um apoio para os pés para ter o máximo de conforto possível.

Imagem 65 – Cadeira Vermelho e Azul ao lado de obra de Mondrian



Fonte: Culturagenial

Segundo Glancey (2001) no ano de 1927 a Bauhaus começou a ensinar arquitetura com seriedade, produziu projetos para habitações pré-fabricadas e a exibiu projetos de casas ideias de baixo custo. Em 1928 a ideia de funcionalismo foi levada ao extremo quando Walter Gropius renunciou para se concentrar em seus projetos arquitetônicos e Hannes Meyer assumiu como diretor, mas ele logo renunciou em 1930 e foi Mies Van der Rohe que assumiu os últimos dois anos da escola. Esses anos foram dedicados ao estudo de uma nova arquitetura, mas os cursos de design gráfico, cerâmica, pintura e metalúrgica resistiam.

No ano de 1933 Hitler assumiu o poder e a escola era vista como um local de arte decadente e socialista e foi fechada compulsoriamente. Docentes e professores da instituição se tornaram refugiados culturais na década de 30. Grande parte acabou migrando para os Estados Unidos e após a chegada de Mies Van der Rohe em 1937, os Estados Unidos usufruíram de boa parte da elite do movimento modernista na pintura, no design e na arquitetura.

Imagem 66 – Criações da Bauhaus



Fonte: Decortiles

Nascido na Holanda em 1872 Piet Mondrian foi uma das figuras mais importantes na arte abstrata do século XX. Ele estudou e desenvolveu suas próprias teorias a respeito dos eixos horizontais e verticais. Suas pinturas geométricas, abstratas como composição com vermelho, amarelo e azul empregavam as três cores primárias mais o preto, o branco e o cinza. O estilo quase acético de Mondrian evitava a representação, a tridimensionalidade e a linha curva e teria influência duradoura na arte abstrata e no design gráfico.

“Para um criador de moda ou qualquer pessoa ligada ao design em qualquer uma das suas vertentes, perguntar se somos influenciados pelo Bauhaus é quase redundante, todos, mesmo os que nunca ouviram falar nesta escola, somos marcados por ela, porque uma grande parte da maneira como desenhamos o mundo vem das experiências e das ideias desenvolvidas pela Bauhaus.” (MAGALHÃES, 2019)

De acordo com Hess (2018) o exemplo mais clássico da influência da Bauhaus na moda é o vestido Mondrian, feito por Yves Saint Laurent em 1965, exatamente 32 anos após o fechamento da escola. O vestido é simples e funcional, com blocos coloridos e contrastantes, um clássico do neoplasticismo de Mondrian.

Imagem 67 – Vestido Mondrian de Yves Saint Laurent



Fonte: Fashionbubbles

Em 2018 faltando apenas um ano para a escola completar seu 100º aniversário a estilista grega Mary Katrantzou se inspirou na Bauhaus para o desenvolvimento da coleção outono-inverno daquele ano, apresentada na *London Fashion Week*. A coleção intitulada como *The Interior Lives*, contrapôs a estética modernista da Bauhaus com um oposto complementar, a era Vitoriana. A estilista não se inspirou somente na moda que caracteriza cada período, mas também em todos os elementos característicos das artes aplicada e decorativa de cada época.

As semelhanças entre cada período também são exploradas, como no caso dos vestidos inspirados na técnica do pontilhismo, criada em 1886 pelos franceses Paul Signac e Georges Seurat. A técnica de pintura é análoga ao processo de impressão CMYK que marcaria as artes gráficas desenvolvida pelos alemães na prodigiosa escola de design. O forte contraste entre os ousados gráficos modernistas e as delicadas estampas decorativas é um ponto forte da coleção, que Katrantzou liga por meio de padrões geométricos repetidos e cores, incluindo preto, bege, dourado e tons pastel. Um conjunto de pôsteres para a Exposição Bauhaus de 1923 em Weimar, Alemanha, serviu de base para os primeiros trajes da coleção. Estampas geométricas evocam os azulejos de um corredor em uma casa vitoriana de 1880 e são traduzidas

em peças de couro, malha e pele sintética. Estes, por sua vez, fazem referência à estética da Bauhaus e às geometrias arquitetônicas encontradas nos edifícios icônicos da escola, como em suas janelas gradeadas e escada dividida. (MACAULAY, 2019)

Imagem 68 – Coleção Mary Katrantzou



Fonte: Divaholic

8 A SEGUNDA METADE DO SECULO XX NA ARQUITETURA E NA MODA

Com a chegada da segunda guerra mundial a cidade de Paris caiu em 1940, mas a moda sobreviveu enfrentando os desafios do processo de fabricação, falta de material e mão de obra e até restrições na confecção. São as roupas da época da guerra que mostram com que força a moda reflete a situação econômica e política vigente na época. E foi nos Estados Unidos local que teve menos restrições onde a moda se desenvolveu mais, já na Inglaterra o desenvolvimento foi restrito e a falta de materiais tornou-se crítica e o racionamento de roupa foi estabelecido em 1941. (LAVER, 1989)

Segundo Glancey (2001) a segunda guerra mundial mostrou os Estados Unidos em sua melhor forma e quando o país entrou na guerra em 1941 tornou a vitória da Europa praticamente inevitável. Os Estados Unidos viveram um grande aumento econômico durante a década de 1940. Hollywood estava em seu melhor momento assim como jazz e uma nova forma de arquitetura de estilo internacional, vistosa e confiante.

8.1 O modernismo e o pós-modernismo na arquitetura

O modernismo não se tratava de um estilo, mas sim de uma maneira de projetar e construir que fundiu a habilidade da indústria norte-americana de fazer edificações eficientemente pré-fabricadas sob a influência de arquitetos e projetistas europeus em especial de Mies van der Rohe que chegou nos Estados Unidos em 1937. O modernismo implicava duas liberdades, a liberdade em face da má saúde ou do mal-estar e a liberdade política. Em sua primeira forma, o modernismo foi em boa parte um projeto de esquerda e sua arquitetura de planta livre estava desvinculada do detalhe e da associação com regimes autocráticos que durante séculos haviam se apoiado em edifícios pesados com um simbolismo complexo.

A liberdade do bem-estar era construída e expressa na forma exterior dos edifícios que eram brancos, claros e abertos para o mundo natural. Depois de uma guerra que deixou marcas tão tristes na história, o modernismo oferecia luz, conveniência e libertação.

Imagem 69 – Casa da Cascata projetada por Frank Lloyd Wright



Fonte: Vivadecora

Oscar Niemeyer nascido em 1907 no Brasil trouxe ao modernismo um grau de sensualidade sem precedentes. Ele era inspirado pela visão que desfrutava de sua casa no Rio de Janeiro, do oceano atlântico e das praias que o cercavam. A revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder foi notável pelo fato de que uma nova classe dominante era também a vanguarda, como resultado disso o projeto do novo ministério da saúde e educação do Rio de Janeiro onde hoje fica o Palácio da Cultura desempenhou um papel importante no desenvolvimento de uma arquitetura, um planejamento e um design radical. A competição pelo projeto do edifício foi vencida por Lucio Costa e o projeto foi muito influenciado por Le Corbusier que foi convidado para ir ao Rio de Janeiro como consultor.

O trabalho de Niemeyer tornou-se cada vez mais rebuscado e ousado à medida que fazia experimentos com as novas formas que a moderna engenharia de concreto possibilitava. A extraordinária nave da capela de São Francisco de Assis da Pampulha é um espaço contínuo e sinuoso contido abaixo de quatro arcos de concreto parabólicos que funcionam como teto e parede sem interrupções estrutural evidentes. Embora Niemeyer assumisse riscos e jogassem com a arquitetura os resultados eram inevitavelmente bem resolvidos e integrados. Niemeyer projetou os principais edifícios

públicos da capital do Brasil, Brasília. Eles estão dispostos ao redor da vasta praça dos três poderes e compreendem o Congresso Nacional, o Ministério da Justiça e o Palácio do Itamarati. São edifícios de enorme poder, especialmente quando vistos a distância, é dele também o projeto do Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro, uma espécie de disco voador pousando em uma plataforma com vista para o mar e mostra que Niemeyer projeta a arquitetura que faz as pessoas pararem e olharem. (GLANCEY, 2001)

Imagem 70 – Igreja São Francisco de Assis da Pampulha



Fonte: Arquitrecos

De acordo com Torre (2010) a arquitetura modernista de Oscar Niemeyer serviu de inspiração para muitos estilistas entre eles o brasileiro Pedro Lourenço que em 2010 apresentou uma coleção inspirada no arquiteto. O estilista traz em sua coleção volumes tridimensionais feitos de plástico ou couro endurecido. As tiras horizontais, que lembravam persianas, carregavam um toque militar ao mesmo tempo em que homenageavam o legado do arquiteto brasileiro e o modernismo também é traduzido na precisão dos cortes, linhas puras e formas simples, vestidos nas cores bege, nude, branca e marrom trazem uma abordagem autoral.

Imagem 71 – Desfile de Pedro Lourenço com inspiração em Oscar Niemeyer



Fonte: ffw

Em 2016 foi a vez da marca Louis Vuitton ter Oscar Niemeyer como referência e a coleção foi apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, projetado pelo arquiteto. A icônica rampa vermelha que conecta o térreo ao nível do museu fez as vezes de passarela, recebendo a procissão de modelos. Os espectadores foram acomodados em fileiras sinuosas de cadeiras que prolongavam a trajetória da rampa e se mantinham fiéis à intensão original do projeto de Niemeyer, que buscava que o edifício emergisse do solo e continuasse a crescer e se espalhar. A coleção do estilista Nicolas Ghesquière trouxe vestidos de silhueta aerodinâmica, estampa de listras que alongam a silhueta e saias bordadas (CROCKETT, 2016)

Imagem 72 – Desfile Louis Vuitton no Museu de Arte Contemporânea de Niterói



Fonte: Site Louis Vuitton

"Eu admiro tanto o poder da convicção de Oscar Niemeyer. Sua visão, sua radicalidade, mesmo sua utopia. Poder expor uma coleção de moda em um espaço arquitetonicamente tão poderoso é uma experiência sensorial. No Rio de Janeiro, o que mais vi foi um movimento e uma energia explosiva que habita algum lugar entre o modernismo e o tropicalismo. Fiquei fascinado pela constante dualidade entre natureza e urbanidade e a explosão pictórica que isso cria" (GHESQUIÈRE, 2016)

Imagem 73 – Desfile Louis Vuitton inspirado na arquitetura de Oscar Niemeyer



Fonte: Site Louis Vuitton

De acordo com Glancey (2001) em meados da década de 1960 um número considerável de arquitetos estava questionando a nova arquitetura que começava a sufocar os centros urbanos. No ano de 1966, Robert Venturi publicou um manifesto no qual corrompeu o famoso lema do arquiteto Mies van der Rohe que menos é mais, anunciando que o menos era uma chatice. Ele era a favor de uma arquitetura caótica e acreditava na ambiguidade estética e na tensão visual, sua visão pós-moderna era de uma arquitetura não de isto ou aquilo, mas de ambos e ainda mais. Seu primeiro edifício foi uma casa projetada na Filadélfia em 1962 para sua mãe e levou o nome de casa Vanna Venturi.

A residência tinha um projeto divertido com fachadas que lembravam um desenho animado e a planta do interior da casa era rica e complexa. Junto com seus sócios foi responsável por muitas casas divertidas e de coloridos museus e galerias

de arte. O perigo da abordagem pós-moderna é que ela pode cair facilmente no domínio dos trocadilhos visuais ruins, na era pós-moderna valia tudo e pode se dizer que se tratava de uma mudança de roupagem, não do desenvolvimento de uma arquitetura adequada e responsável. Os edifícios pós-modernos tinham formas curvas, elementos decorativos, assimetria, cores vivas e características frequentemente emprestadas de períodos anteriores e cores e texturas não relacionadas à estrutura ou função do edifício.

Imagem 74 – Casa Vanna Venturi



Fonte: Estilosarquiteticos

O movimento pós-moderno foi um dos movimentos mais controversos do século XX, seu rompimento com os padrões construtivos do modernismo e suas linhas retas e ambientes claros, fez com que os arquitetos pós-modernos utilizaram uma série de estratégias para negar o estilo anterior. O mundo pós-moderno mescla os estilos, o real e imaginário e algumas características são a exploração do lúdico, desconstrução dos valores, uma linguagem artística entre outras. Em projetos arquitetônicos a funcionalidade era colocada de lado e o impacto visual ganhava destaque com cores vibrantes e diversas formas. (GISLON, 2017)

Imagem 75 – Dancing House Hotel em Praga



Fonte: Estilosarquiteticos

8.2 A moda da segunda metade do século XX em contraste com o design de interiores

Segundo Laver (1989) a guerra mudou irrevogavelmente toda a estrutura da indústria da moda, durante o período da guerra os Estados Unidos e a Inglaterra não podiam se inspirar em Paris e alguns costureiros parisienses resolveram permanecer na França e produzir pequenas coleções para uma clientela em sua maioria alemã. Mas quase não havia liberdade de expressão e muitos tecidos não eram encontrados como a seda e a renda. Em 1945 uma exposição chama de *Le Théâtre de la mode* com o apoio dos principais costureiros parisienses da época como Balenciaga, Balmain, Dior, Givenchy e Jacques Fath demonstrou como eles e o governo estavam empenhados em restabelecer a indústria da moda.

Sendo assim, Paris voltou a ser o centro da moda, mas os Estados Unidos já haviam começado a criar a sua indústria e estava cada vez mais independente. A

moda americana iria influenciar a Europa em um futuro, mas isso só ocorreria no final da década de 70. Depois de crises a moda costuma apresentar uma tendência para o luxo e nostalgia de uma era segura, e assim surgiu o *New Look* da Dior em 1947 baseando-se nos modelos da década de 1860 com cinturas apertadas, saias muito amplas, blusas estruturadas e sapatos altos.

A roupa masculina também foi afetada pela nostalgia e os alfaiates produziam um look da era eduardiana com paletós mais compridos e ajustados, abotoados até pescoço e calças apertadas. Após o *New Look* seguiram-se dez anos de intensa atividade e agitação na moda e Dior liderou o alvoroço por novas tendências. A atmosfera de Paris na década de 50 era sofisticada e a beleza se tornou um tema de muita importância e joias requintadas eram muito importantes.

Imagem 76 – O new look de Dior



Fonte: Modahistorica

Fora de Paris ocorria uma revolução jovem, as jovens mulheres queriam sua própria moda e a demanda de roupas jovens era grande apesar de não ser atendida imediatamente. Mary Quant abriu sua loja *Bazaar* na *King's Road* em 1958 a princípio

comprando as roupas, mas logo passou a desenhá-las, ela chamava a atenção para a necessidade de um estilo jovem e depois mostrou ser a mais bem qualificada para atendê-lo. Então, na década de 60, pela primeira vez a moda começou a se concentrar nos adolescentes, os modelos mudavam tão depressa que os fabricantes tinham dificuldade para renovar os estoques. As saias eram mais curtas que na década de 20 e os cabelos compridos e soltos. Essa atmosfera de ruptura também ficou evidente nas artes, uma nova energia e inspiração produziram a arte pop, novos escritores, um novo estilo literário e um novo tipo de música.

Imagem 77 – Vestidos de Mary Quant na década de 60



Fonte: Sovintagepatterns

Para os estilistas da década de 60 o corpo era um veículo para a criação, uma tela humana sobre a qual qualquer humor ou ideia podia ser pintada e em meados da década as saias chegaram na altura das coxas. Os modelos de Mary Quant eram simples, práticos e versáteis e sua criação de minissaia em 1965 foi um sucesso mundial. Paco Rabanne também era um nome de peso na época, durante alguns anos o estilista criou acessórios de moda para várias casas de alta costura como

Balenciaga e Givenchy. Com um estilo ousado e tecnológico, suas criações eram uma combinação de alta costura e obras de arte. Sempre inspirado na arquitetura, já que era arquiteto e estudou na *Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, ele revolucionou a moda e experimentou looks feitos de plásticos moldados, metal martelado, camisa de alumínio e casacos de pele que eram ao mesmo tempo esculturais e sedutores.

Imagem 78 – Paco Rabanne



Fonte: pacorabanne.com

No final da década de 60, os adolescentes que chamaram a atenção para os problemas e necessidades de seu grupo já estavam com vinte e poucos anos e à medida que a rebelião perdia a força a atmosfera começava a mudar, dois movimentos sociais importantes afetaram moda, a revitalização da volta a natureza e o impacto cada vez maior do movimento feminista. A incerteza do início da década de 70 provocou em algumas pessoas a volta a um estilo de vida mais simples e as mulheres lutavam cada vez mais para entrar em novas carreiras e para se afirmarem em ambiente anteriormente destinados a homens.

Segundo Ratis (2019) o movimento Hippie havia sido popularizado após o festival de música de Woodstock e estava destinado a explorar a criatividade e as tendências que foram apresentadas na década anterior. Peças como maiôs, calças pantalonas, calças boca de sino, cintura alta, estampas multicoloridas e acessórios exóticos eram tendência no momento. Os hippies costumam usar misturas de roupas usadas em culturas orientais, vestidos largos e batas coloridas eram o principal vestuário. O movimento punk também surgia na década de 70 nos Estados Unidos, com suas calças rasgadas, rebites, alfinetes, jaquetas de couro e cabelos com cortes e cores diferenciadas e se espalhou. Na Inglaterra, os problemas econômicos e sociais fizeram com que o punk assumisse uma perspectiva bem mais crítica e agressiva.

Imagem 79 – O vestuário na década de 70



Fonte: fashionbubbles

De acordo com Belém e Conti (2017) a decoração de interiores dos anos 1970 ficou muito marcada pelo uso de cores vibrantes e a presença de estampas psicodélicas nos móveis e nas paredes. Dentro de casa, o colorido estava presente em tudo desde cortinas, almofadas até eletrodomésticos e peças de acrílico. As

mesmas estampas e cores encontradas em roupas poderiam estar também nas cortinas ou estofados e o sentimento era de unidade como se o estilo da casa se estendesse para as roupas e o estilo das roupas se estendesse para a casa.

Imagem 80 – Decoração de interiores na década de 60



Fonte: designnova

Os ombros estruturados, conhecidos como ombreiras marcariam a década de 80 e estavam presentes em blazers e vestidos. O apelo das ombreiras ia além da moda e foram responsáveis por uma parte do empoderamento feminino no mercado de trabalho naquela época. Foi um momento em que mulheres começaram a assumir cargos executivos e posições importantes dentro de escritórios, principalmente na liderança, então houve a necessidade de masculinizar a silhueta feminina para que as mulheres pudessem se afastar da ideia de objetos decorativos no ambiente de trabalho, porém logo as ombreiras ganharam força em todos os ambientes. O brilho do metalizado, paetês e veludo molhado era essencial para o look da década e a época ficou conhecida como uma das mais exageradas de todos os tempos por conta das roupas nada minimalistas.

Sendo assim os acessórios também estavam em alta e era feito um mix de brincos, pulseiras, colares e acessórios para cabelo tudo de uma vez só. Os extremos e exageros que estavam acontecendo na moda também estavam acontecendo no design de interiores, as casas eram preenchidas por cores vibrantes, papel de parede estampados, formas geométricas e muitos tapetes. (SANTOS, 2020a)

Imagem 81 – A moda nos anos 80



Fonte: Amazon

De acordo com Cerini (2020) a moda dos anos 90 foi um choque de tendências ao mesmo tempo em que o minimalismo se tornava presente não só na moda, mas como em outros setores perto da metade da década. O vestido tipo *slip* com alças finas usado em uma sobreposição com camiseta branca foi uma das roupas mais memoráveis e duradouras da época, suas alças extremamente finas mal seguravam os vestidos que na maioria das vezes era feito de seda, lembrando até mesmo uma camisola, era minimalista e leve. Outras peças como a bermuda ciclista, a gola alta, o jeans de cintura alta e camisetas largas marcaram uma geração.

No ano de 1993, no desfile da coleção da marca Perry Ellis, o jovem Marc Jacobs então com 29 anos colocou peças não estruturadas na passarela e foi extremamente criticado, porém a coleção se tornou um dos momentos mais lembrados na moda da década e foi então que o *grunge* assumiu o comando dos anos

90. A moda era definida por uma mistura de roupas formais como casacos retos, minissaias xadrez, botas de cano alto, cardigãs, jeans rasgados e camisas xadrez na maioria das vezes amarradas na cintura. As jardineiras também se tornaram tendência assim como os coturnos e roupas de cortes simples e retos e à medida que a década terminava, a moda deu uma guinada para a ousadia: as bainhas ficaram mais curtas, as roupas mais chamativas e as calças se tornaram cada vez mais baixas.

Imagem 82 – A moda nos anos 90



Fonte: fashionbubbles

Seguindo novamente o exemplo do que estava acontecendo na moda o design de interiores deixava de lado a opulência do final dos anos 80 para dar um toque minimalista nas casas, os interiores ganhavam tons mais claros e se tornavam livres de adornos e adereços. Em alguns casos, este minimalismo até beirava o exagero, quando a estética falava mais alto que o conforto. Os lofts também ganhavam projeção, como uma forma mais livre e despojada para se morar. (LOPES, 2018)

9 O SÉCULO XXI: A MAIOR TROCA DE REFERÊNCIAS ENTRE A MODA E A ARQUITETURA

De acordo com Lledó (2011) tanto a moda como a arquitetura começam da mesma forma, com um lápis e uma folha de papel. O arquiteto se preocupando em como as medidas vão abraçar o espaço e o estilista com as medidas que vão abraçar o corpo, e isso nos faz experimentar o design desde o momento que acordamos em uma casa projetada até abrirmos nosso guarda-roupa para escolher o que vestir. Ao longo dos séculos ambas as artes trocaram referências e se inspiraram nas mesmas fontes, porém nos últimos anos essa troca foi além, temos uma imersão de estilistas no cenário de design de interiores e até de mobiliários e de arquitetos cada vez mais projetando para o setor da moda.

Segundo Baggio (2020) decoração e bem-estar são mercados cada vez maiores e grandes estilistas estão desenhando móveis, como Giorgio Armani que na década de 1970 em Milão constituiu um verdadeiro império da moda italiana. Ao longo dos anos a marca de luxo foi se diversificando e agora conta com a Armani Casa, com móveis, artigos de decoração e serviço de decoração de interiores, que segue o conceito da marca, tendo como referência linhas simples, proporções perfeitas, acabamentos refinados e tecidos elegantes.

Imagem 83 – Armani Casa



Fonte: Armani

A marca francesa de moda Hermès especializada em produtos de couro, também tem sua própria linha para a casa, que conta com mobiliário em couro de alta qualidade, cobertores de caxemira, e utensílios para a cozinha feitos de porcelana que na maioria das vezes recebem ilustrações detalhadas de fauna e flora pintadas em jogos de chá, pratos, vasos e até cinzeiros.

Imagem 84 – Porcelanas Hermès Casa



Fonte: HermèsHome

Outra marca de luxo que se aventura a bastante tempo na decoração é a italiana Fendi, que começou a atuar no ramo em 1989, o projeto na época foi pioneiro e pela primeira vez uma marca de moda de luxo lançava uma linha de móveis e acessórios para casa. A empresa preza por características contemporâneas e ecléticas, com peças que buscam detalhes atemporais.

Imagem 85 – Fendi Casa



Fonte: LVMH

No ano de 2011 foi a vez de Karl Lagerfeld na época estilista da Chanel, criar uma coleção de cristais para a luxuosa marca sueca *Orrefors*. As peças da marca são fabricadas através de um processo tradicional em que as peças são moldadas por meio de sopro de mestres artesões. A linha é composta de taças de champanhe, água, vinho e licor, além de copos e vasos. O estilista colocou na coleção de peças seu estilo clássico, de linhas puras e elegantes, que é a marca da Chanel desde o princípio. (SIMONELLI, 2011)

Imagem 86 – Coleção de Karl Lagerfeld para marca Orrefors



Fonte: Casa Claudia

Desde o fim do século passado em meados dos anos 1980 a estratégia de criar produtos para a casa começou a ser impulsionada, sendo a Missoni Home uma das pioneiras, além de oferecer mobiliários e moda as marcas também assinam grandes construções de arquitetura como hotéis e galerias. O contrário também existe e não é raro ver arquitetos criarem para grifes de moda. Na coleção de verão do ano de 2008 da Melissa, marca brasileira de sapatos, convidou a arquiteta iraquiana Zaha Hadid para assinar um calçado, a peça expressa um sentido de fluidez e movimento e se ajusta aos contornos orgânicos do corpo. Em 2005 a marca já tinha feito parceria com os irmãos Fernando e Humberto Campana que adaptaram tramas e desenhos de cadeiras e poltronas assinadas por eles para um par de sapatilha.

Imagem 87 – Criação de Zaha Hadid para marca Melissa



Fonte: Híbridosmodaearquitectura

Atualmente existem arquitetos especializados em criar os ambientes de lojas onde estilistas possam alcançar o público desejado e vender seu produto. Os profissionais precisam compreender a identidade e o conceito do estilista, estudar a história da marca e o consumidor que a loja quer atingir para criar um ambiente completamente personalizado para aquele público. Esse conceito de atendimento tem se tornado cada vez mais ideal para a arquitetura no geral, conforme o consumidor vem mudando e querendo personalizar a casa onde vive para sentir sua identidade em cada canto do ambiente, é cada vez mais importante que o profissional entenda o perfil do cliente e suas necessidades para que o projeto seja uma extensão da sua vida. (LLEDÓ, 2011)

De acordo com Santos (2020b) moda e decoração podem caminhar juntas de acordo com o estilo pessoal de cada um, o ser humano pode expressar sua identidade para além da forma de se vestir sendo uma opção a decoração de sua casa. As tendências lançadas no mundo *fashion* também inspiram os designers de interiores, afinal compor ambientes é um exercício, assim como montar um look. Para entender melhor sua relação de moda com decoração a pessoa precisa fazer uma visita no armário e identificar as referências de sua essência pessoal, se no guarda-roupa as cores mais presentes são coloridas e vibrantes, serão elas as escolhidas para compor o ambiente, seja na cor da parede ou na escolha dos objetos, como almofadas. Cada

vez mais os acessórios utilizados no dia a dia como chapéus e colares estão sendo usados na decoração, e até mesmo lenços podem virar capas de almofadas, levando um pouco do estilo e personalidade diretamente do armário para a casa inteira. A intenção é criar uma unidade onde o estilo pessoal esteja refletido em praticamente todos os setores da vida e ao observar a forma como a pessoa se veste já consiga-se imaginar como a casa dela será.

Tanto a moda quanto a decoração podem traduzir os sentimentos e a história de cada pessoa, pode mostrar se uma pessoa é mais conservadora ou moderna, extrovertida ou discreta e até seus ideais políticos, isso faz com que as pessoas encontram na intimidade da residência a mesma pessoa que conhecem fora dela, as interações sociais e afinidades acabaram ficando mais fáceis e melhores, ainda mais em uma era onde todos se comunicam e se expressam pela internet.

Imagem 88 – Acessórios sendo usados como decoração



Fonte: StealtheLook

A cartela de cores Pantone, foi criada em 1963 com o objetivo de diminuir as variações que saíam erradas e garantir a uniformidade nos impressos. No início era mais voltada ao setor têxtil e industrial, porém hoje em dia acabou servindo também

de suporte para designer de interiores e especificações de revestimentos, sendo assim todo ano a Pantone anuncia as cores tendências para aquele ciclo e atualmente essas cores servem de guia para ambos os setores. Se a cor do ano for azul, não a veremos apenas nas passarelas, mas também nas casas de tinta, nos estofados e em toda a decoração.

A moda assim como a arquitetura consiste na criação de elementos carregados de significado, levando em conta o consumidor e as tendências mundiais. A arquitetura influencia a moda na criação e definição de estruturas, volume, texturas, cores e linhas, sendo inspiração para estilistas criarem suas coleções e conceitos. Porém, não é raro arquitetos também se inspirarem em estilistas e assinarem coleções de vestuários e acessórios, nos últimos anos ambos os segmentos parecem ter se aproximado e criado uma unidade entre a casa e o vestir. A moda faz com que a arquitetura busque pelo novo, olhe de outra forma para as tendências e comportamentos, para os materiais e cores. A interação criativa destas áreas é ampla e não possui limites, é saudável a troca de informações entre as diversas atividades humanas e é normal que, após uma época em que se valorizou a especialização, siga-se um período que valorize a integração entre diversas áreas. (ZANDOMENECO, 2016)

Imagem 89 – Decorações inspirados em Alexandre Herchcovitch e Gloria Coelho



Fonte: Almoço de sexta

“O lugar que você habita tem relação direta com seus hábitos, modos, moda. Hábito também significa roupa. Moda permeia lugares que você frequenta, livros que você lê, bandas que você ouve, a forma como você se expressa, a forma como você recebe as pessoas, a gastronomia, a cultura ao seu redor e, por fim, a roupa. A roupa seria a conexão final entre seu habitat interior e os seus hábitos. Nesse sentido, vestir uma casa, criar um espaço é muito próximo de vestir uma pessoa, pois o que vestimos, na realidade, é a relação do usuário com o entorno. Roupas e casa se tornam uma extensão de quem as habita.” (NAKAO, 2011)

10 CONCLUSÃO

A moda e a arquitetura têm como propósito inicial proteger e cobrir o ser humano, seja com roupas ou com ambientes habitáveis, porém em uma perspectiva social mais abrangente, percebemos que as duas áreas também contribuíram no processo de coletividade e individualização do ser humano, ambas são relações humanas que acontecem de maneira intrínseca. Ao longo dos séculos ambas as artes passaram a ser fonte de expressão política, religiosa e cultural. Estudando o histórico de cada uma podemos observar a história da humanidade sendo contada em cada monumento ou peça de vestuário, utilizando de estruturas, formas, texturas, linhas e cores.

Na antiguidade mesmo ainda não havendo o conceito de moda, a indumentária e os adornos eram inspirados em conceitos religiosos e posicionamento hierárquico e de certa forma até hoje os ambientes e as roupas podem demonstrar a que classe social cada um pertence, os indivíduos se reconhecem e se expressam através dos trajes assim como era no princípio. A arquitetura também esteve sempre servindo de alguma forma a religião, como no Egito Antigo e na Grécia Antiga, onde pela primeira vez a arquitetura inspirava as roupas, com *quiton* usado na Grécia lembrando uma coluna. Na idade média não foi diferente e a sociedade construiu no período gótico imensas catedrais, enquanto a vestimenta refletia uma sociedade que vivia em função da igreja.

A difusão da moda seguiu paralelamente ao desenvolvimento da arquitetura, quando as pessoas sentiam necessidades sociais de autoafirmação e não somente as necessidades básicas de proteção ao corpo. As duas áreas continuaram ao longo do tempo sendo influenciadas por tudo o que acontecia ao seu redor, mas também começavam a olhar para o passado e a arquitetura neoclássica e o vestuário do início do século XIX, encontrava inspiração na arquitetura grega e romana.

A igreja foi responsável por grandes monumentos ao longo da história e é indiscutível a força e a influência do catolicismo no desenvolvimento arquitetônico de diversas civilizações, pois o financiamento de tais obras vinham da igreja. Porém a industrialização e novas tecnologias contribuíram com novas formas de organização social. As divisões de classes se acentuaram e o ócio cultural acelerou a construção

de espaços geograficamente planejados não somente para a espiritualidade como no caso das edificações sacras, mas para pontos de encontros sociais e para o lazer não só da alta sociedade, mas também das massas. A influência da igreja foi perdendo poder ao mesmo tempo em que a ciência ganhava destaque nos avanços tecnológicos como na medicina, na física e na química comprovando que os fenômenos naturais não dependiam somente de fé, mas de comprovação científica.

No início do século XX, a Art Nouveau trouxe com suas linhas fluidas e naturais uma nova estética tanto para moda, quanto para a arquitetura e em um momento de industrialização onde o artesão se distanciava do operário massificado surgiu a escola de artes alemã Bauhaus fundado por Walter Gropius, que também marcou o século, além de ter sido grande influência na arquitetura da época, também inspirou a moda. A escola uniu o ensino técnico a sensibilidade artística e é dela que nasce o conceito de design tão popularmente conhecido hoje. Entre os fundadores e professores estavam grandes pintores que marcaram a nossa história como Wassily Kandinsky. No campo têxtil as novas possibilidades de padronagens e estampas trazem uma nova estética para a moda e o conceito de design se incorporava na moda, arquitetura e decoração.

Nas últimas décadas dos anos XX, vemos a moda e a decoração de interiores cada vez mais entrelaçadas, como na década de 80 onde o sentimento era de unidade com a casa e as roupas tendo as mesmas cores e estampas. O início do século XXI marcou uma nova tendência com grandes marcas do mundo da moda criando linhas especializadas no seguimento casa, levando as grandes grifes para cada canto do ambiente e não apenas para o guarda-roupa. O perfil do consumidor pode então ser lido não somente pelas roupas que ele usa, mas pela decoração do ambiente que o cerca, ou seja, moda e decoração refletem o estilo pessoal.

A arquitetura e a moda se expressam artisticamente através de suas formas, estruturas e cores. São também fontes de comunicação e interação e no início podem até parecer distantes, mas não poderiam estar tão conectadas como neste momento da história. Nos últimos anos diversos estilistas buscaram em obras arquitetônicas do passado, inspiração e suporte para contar histórias atuais, enquanto arquitetos cada vez mais usaram suas habilidades arquitetônicas para projetar roupas ou sapatos. O mundo do design de interiores também se conectou imensamente com a moda e o

setor têxtil, trazendo as tendências de tecidos e cores direto da passarela para dentro da casa. A história nos mostra que os grandes criadores de moda sempre tiveram na arte e na arquitetura fontes inesgotáveis para criarem através das roupas discursos sociais. No mundo atual com um ritmo tão acelerado onde tendências surgem e desaparecem tão rápido, áreas como a moda e a arquitetura que estão sempre em busca de novas referências e abordagens, só tendem a ganhar se integrando cada vez mais uma com a outra.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Victoria. **Marcas de luxo apostam no setor casa e decoração**. 2020 Disponível em: <https://live.apto.vc/marcas-de-luxo-apostam-no-setor-casa-edecoracao/> Acesso em: 05 mai. 2021.
- BARROS, Sandro. **Secession**. 2016. Disponível em: <https://sandrobarros.com/collection/?id=secession> Acesso em: 18 abr. 2021.
- BELÉM, Rafael; CONTE, Mariana. **Decoração anos 1970: como era o décor quando CASA CLAUDIA nasceu**. 2017. Disponível em: <https://casaclaudia.abril.com.br/ambientes/ambientes-com-decoracao-dos-anos-70/> Acesso em: 13 abr. 2021.
- CERINI, Marianna. **Moda dos anos 90: uma breve história do que vestimos**. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/2020/05/02/moda-dos-anos-90-uma-breve-historia-do-que-vestimos> Acesso em: 21 abr. 2021.
- CROCKETT, Lauren. **Museu de Arte Contemporânea de Niterói recebe o desfile da coleção Cruise da Louis Vuitton**. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/788926/museu-de-arte-contemporanea-de-niteroi-recebe-o-desfile-da-colecao-cruise-da-louis-vuitton> Acesso em: 13 abr. 2021.
- DIANA, Daniela. **Barroco no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/barroco-no-brasil/> Acesso em: 01 abr. 2021.
- DIETER, Arnold. **Temples of the Last Pharaohs**. [S. l.: s. n.]: Oxford University Press, 1999.
- FATIMA, Maria de. **Moda e arquitetura: uma relação de troca de referências**. 2018. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/moda-e-arquitetura/> Acesso em: 06 abr. 2021.
- FUKS, Rebeca. **A Escola de Arte Bauhaus**. 2018. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/bauhaus/>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- GARCEZ, Gustavo. **SPFW Primavera-Verão 2008/09**. 2008. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/desfiles/spfw-samuelcirnansck-primavera-verao-200809-29/> Acesso em: 06 abr. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GISLON, Jacinta Milanez. **O nascimento da arquitetura pós-moderna**. 2017. Disponível em: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2017/06/05/o-nascimento-da-arquitetura-pos-moderna/> Acesso em: 03 abr. 2021.
- GLACEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- GYMPEL, Jan. **História da arquitetura da antiguidade aos nossos dias**. 1. ed. Colonia: Könemann, 2001.

HESS, Francieli. **Bauhaus e a moda – A influência da escola alemã que completa 100 anos em 2019**. 2018. Disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/bauhaus-e-a-moda-a-influencia-da-escola-alema-que-completa-100-anos-em-2019/237491/> Acesso em: 15 abr. 2021.

INGVALDSEN, Torsten. **Pharrell Hits the Runway for Chanel's Egyptian-Inspired Métiers d'Art**. 2018. Disponível em: <https://hypebeast.com/2018/12/pharrell-runway-egyptian-inspired-chanel-metiers-dart-pre-fall-2019> Acesso em: 26 mar. 2021.

JUNQUEIRA, Isabel. **Essa coleção de alta joalheria foi inspirada nos monumentos barrocos de Roma**. 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2020/08/essa-colecao-de-alta-joalheria-foi-inspirada-nos-monumentos-barrocos-de-roma.html> Acesso em: 05 abr. 2021.

LAVÉR, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LLEDÓ, Maria Julia. **Assim na moda como na arquitetura**. 2011. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2011/09/09/interna_revista_correio,269134/assim-na-moda-como-na-arquitetura.shtml Acesso em: 12 mar. 2021.

LOPES, Anelisa. **Os anos 90 estão de volta: lembre como era, ou poderá ser, sua decoração**. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/meu-primeiro-ape/os-anos-90-estao-de-volta-relembre-como-era-ou-podera-ser-sua-decoracao/> Acesso em: 17 abr. 2021.

LOURENÇO, Reinaldo. **O corpo e o lugar: as relações entre moda e arquitetura**. 2016. Disponível em: <https://arqsc.com.br/moda-e-arquitetura/> Acesso em: 09 abr. 2021

MACAULAY, Kaiqui. **Mary Katrantzou e a Bauhaus: 100 anos de fundação da escola alemã**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/kaiqui/bauhaus-100-anosinspirando-a-moda-7c6806f66b97> Acesso em: 23 abr. 2021.

MAGALHÃES, João. **A influência da bauhaus no mundo da moda**. 2019. Disponível em: <https://www.maxima.pt/moda/detalhe/a-influencia-da-bauhaus-no-mundo-da-moda> Acesso em: 25 abr. 2021.

NAKAO, Jum. **Assim na moda como na arquitetura**. 2011. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2011/09/09/interna_revista_correio,269134/assim-na-moda-como-na-arquitetura.shtml Acesso em: 12 mar. 2021.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Art Decó**. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/art-deco/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

OXFORD LANGUAGES. **Definição da palavra moda**. 2021. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PACCE, Lilian. **Fendi primavera-verão 2017**. 2016. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/fendi-primavera-verao-2017-2/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PACCE, Lilian. **Gaudí no glamour romântico de Elie Saab.** 2018. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/gaudi-no-glamour-romantico-de-elie-saab/> Acesso em: 03 abr. 2021.

PEI, Guo. **Guo Pei Fall 2018 Couture.** 2018. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2018-couture/guo-pei>. Acesso em: 28 mar. 2021.

PHELPS, Nicole. **Gucci Spring 2012 Ready-to-Wear.** 2011 Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2012-ready-to-wear/gucci> Acesso em: 01 mai. 2021.

RATIS, Fernando. **Moda anos 70: A década alternativa e andrógena está viva e presente.** 2019. Disponível em: <https://theshoppers.com/pt-br/moda/moda-anos-70/#:~:text=Moda,Moda%20anos%2070%3A%20A%20d%C3%A9cada%20alternativa,andr%C3%B3gena%20est%C3%A1%20viva%20e%20presente!&text=Mai%C3%B4s%2C%20pantalonas%2C%20cal%C3%A7as%20boca%20de,falar%20da%20moda%20anos%2070.&text=Contudo%2C%20o%20Hippie%20n%C3%A3o%20foi,ganhar%20for%C3%A7a%20nos%20anos%2070> Acesso em: 12 abr. 2021.

SANTOS, Aline. **Moda e decor: como criar um ambiente que reflete o seu estilo e personalidade.** 2020b. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/moda-e-decorcomo-criar-um-ambiente-que-reflete-o-seu-estilo-e-personalidade/>. Acesso em: 03 mai. 2021.

SANTOS, Aline. **O dossiê dos anos 80: moda, comportamento e beleza.** 2020a. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/o-dossie-dos-anos-80-modacomportamento-e-beleza/> Acesso em: 25 abr. 2021.

SIMONELLI, Nadia. **Cristais de Karl Lagerfeld.** 2011. Disponível em: <https://casaclaudia.abril.com.br/moveis-acessorios/cristais-de-karl-lagerfeld/> Acesso em: 01 mai. 2021.

TORRE, Luigi. **Arte e arquitetura renascentistas inspiram o inverno de Reinaldo Lourenço.** 2014. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/moda/arte-e-arquitetura-renascentistas-inspiram-o-inverno-de-reinaldo-lourenco/> Acesso em: 28 mar. 2021.

VERNER, Amy. **Guo Pei Fall 2018 Couture.** 2018. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2018-couture/guo-pei> Acesso em: 28 mar. 2021.

ZANDOMENECO, Ingrid Etges. **O corpo e o lugar: as relações entre moda e arquitetura.** 2016. Disponível em: <https://arqsc.com.br/moda-e-arquitetura/> Acesso em: 09 abr. 2021.